



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOSSOCIOLOGIA DE
COMUNIDADES E ECOLOGIA SOCIAL – EICOS

A MEMÓRIA KALUNGA TEM VOZ DE MULHER:

Oralidade e resistência da Comunidade Quilombola Kalunga Riachão Monte Alegre (GO)

LOURDES FERNANDES DE SOUZA

RIO DE JANEIRO
2024



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOSSOCIOLOGIA DE
COMUNIDADES E ECOLOGIA SOCIAL – EICOS**

LOURDES FERNANDES DE SOUZA

A MEMÓRIA KALUNGA TEM VOZ DE MULHER: Oralidade e resistência da
Comunidade Quilombola Kalunga Riachão Monte Alegre (GO)

Defesa de dissertação de Mestrado apresentado ao
Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de
Comunidades e Ecologia Social do Instituto de
Psicologia, na Universidade Federal do Rio de
Janeiro para obtenção do título de Mestre em 2024.
Orientadora: Prof. Dra. Samira Lima da Costa.
Coorientadora: Prof. Dra. Marcia Cabral da Costa

RIO DE JANEIRO
2024



CIP - Catalogação na Publicação

F892m Fernandes de Souza, Lourdes Fernandes de SOUZA
A MEMÓRIA KALUNGA TEM VOZ DE MULHER: Oralidade e
resistência da Comunidade Quilombola Kalunga
Riachão Monte Alegre (GO) / Lourdes Fernandes de
SOUZA Fernandes de Souza. -- Rio de Janeiro, 2024.
105 f.

Orientadora: Samira Lima da Costa.
Coorientadora: Marcia Cabral da Costa.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa
de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e
Ecologia Social, 2024.

1. Psicologia Social. 2. Programa EICOS. 3.
Universidade Federal do Rio de Janeiro. I. Lima da
Costa, Samira, orient. II. Cabral da Costa,
Marcia, coorient. III. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.



LOURDES FERNANDES DE SOUZA

MEMÓRIA KALUNGA TEM VOZ DE MULHER: oralidade e resistência da comunidade quilombola Kalunga Riachão Monte Alegre (GO)

Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social – EICOS, da Universidade de Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, para a obtenção do título de Mestra.

Aprovada em 27 de março de 2024.

Dra. Professora Samira Lima da Costa

Departamento de Terapia Ocupacional (FM/CCS) e do Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (IP/CFCH) da UFRJ

Dra. Professora Claudia Reinoso Araújo de Carvalho

Terapeuta Ocupacional. Professora Associada do Departamento de Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro -UFRJ

Dr. Professor José Jorge Carvalho

Professor Titular no Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília -UNB



Dedico este trabalho a todas as mulheres quilombolas do quilombo Kalunga.

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, por conceder a oportunidade de realizar mais um sonho.

Aos meus pais, por não se contentarem em apenas me dar o dom da vida, mas também pela luta e contribuição, pelo incentivo e apoio para que mais uma etapa do meu crescimento se concretizasse.

A minha amada Iaiá Procópio dos Santos Rosa parte fundamental para realização deste trabalho.

Aos meus filhos Uriel, Uigme e Luara que amo incondicionalmente, pela atenção a eles negligenciada em prol da execução dos trabalhos.

Aos meus irmãos, pelo incentivo e carinho de sempre, tão importantes na construção dessa trajetória.

Ao meu esposo, Wilian Santos Costa, pela paciência e compreensão, pelo carinho e companheirismo, nas horas em que mais precisei.

Aos colegas das turmas de mestrado e doutorado, por me acolherem e me auxiliarem nesse processo de aprendizagem.

Aos educadores do Programa EICOS, em especial, à orientadora Prof. Dra. Samira Lima da Costa e à Coorientadora Prof. Dra. Marcia Cabral da Costa por doarem tanto de si, proporcionando um futuro melhor para todos nós.

À Escola Estadual Reunida Kalunga II, em especial aos “meus queridos alunos e todos os servidores” pelo incentivo, pelo apoio e pela compreensão.

Enfim, a todos que de uma forma ou outra, contribuíram para que esse momento se tornasse inesquecível.

Muito obrigada!



“Os sábios brilharão como brilha o firmamento, e os que ensinam a muitos a justiça, brilharão para sempre como estrelas”.

Daniel (12,3)



RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo analisar o lugar da oralidade nos processos de resiliência Kalunga. Trata-se de uma pesquisa colaborativa e participativa por meio de registro da memória histórica e social vinculada à narrativa testemunhal de mulheres negras quilombolas, mestras dos saberes e fazeres das comunidades Quilombolas Kalunga Riachão e Tinguizal no município de Monte Alegre, norte do Estado de Goiás. Objetiva-se também, identificar nas narrativas de quatro mulheres das comunidades, qual o papel da oralidade no processo de formação e configuração do Território Kalunga, destacando sua trajetória e conjuntura, desde as primeiras narrativas transmitidas dos ancestrais até os dias de hoje. O procedimento metodológico para realização deste trabalho tem natureza qualitativa, fundamentado no método descritivo, por meio da roda de conversa, levantamento de dados com documentos e depoimentos dessas mulheres de idades variadas. Enquanto ação desenvolve-se uma pesquisa participante na modalidade colaborativa juntamente com as mestras dos saberes e fazeres tradicionais do Quilombo. Em acordo com objetivos comunitários, a pesquisa contribui para visibilização do protagonismo da oralidade das mulheres Kalunga, em destaque seu papel nos espaços, nas lutas em prol da dignidade humana e igualdades de direitos. Em síntese, promove a potencialização da práxis da tradição cultural através de múltiplos letramentos memoriais, passado de geração para geração o legado das mulheres quilombolas Kalunga. Espera-se com isso fundamentar a proposição de uma Psicossociologia Quilombola Kalunga, apoiada em especial no conhecimento de sustentabilidade, na valorização e na preservação da cultura local.

Palavras-chave: Psicossociologia comunitária; Quilombo; Oralidade; Mulheres negras; Memória.



ABSTRACT

This dissertation aims to analyze the place of orality in Kalunga resilience processes. This is a collaborative and participatory research through the recording of historical and social memory linked to the testimonial narrative of black quilombola women, masters of the knowledge and practices of the Quilombola communities Kalunga Riachão and Tinguizal in the municipality of Monte Alegre, north of the State of Goiás. The aim is also to identify, in the narratives of four women from the communities, the role of orality in the process of formation and configuration of the Kalunga Territory, highlighting its trajectory and situation, from the first narratives transmitted from ancestors to the present day. The methodological procedure for carrying out this work is qualitative in nature, based on the descriptive method, through conversation circles, data collection with documents and testimonies from women of varying ages. As an action, participatory research is developed in a collaborative modality together with the teachers of traditional Quilombo knowledge and practices. In accordance with community objectives, the research contributes to visualizing the protagonism of Kalunga women's orality, highlighting their role in spaces, in struggles for human dignity and equal rights. In short, it promotes the enhancement of the praxis of cultural tradition through multiple memorial literacies, passed from generation to generation the Kalunga quilombola legacy. This is expected to support the proposition of a Quilombola Kalunga Psychosociology, supported in particular on knowledge of sustainability, the appreciation and preservation of local culture.

Key-Words: Community psychosociology; Quilombo; Orality; Black women; Memory.



LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Entrada da comunidade quilombola Kalunga Riachão	28
Figura 2 – Infográfico sobre os procedimentos metodológicos utilizados no estudo .	44
Figura 3 – Rainhas negras Kalunga em seu sagrado lugar	52
Figura 4 – Iaiá Procópia	55
Figura 5 – Eu e Iaiá no Encontro de Saberes da UnB - foto na biblioteca do INCTI...	56
Figura 6 – Museu de Procópia	57
Figura 7 – O livro de Iaiá	57
Figura 8 – Doutora Honoris Causa	58
Figura 9 – Quita de Souza Ribeiro	59
Figura 10 – Quita e a mesa de raízes	60
Figura 11 – Lourdes Fernandes de Souza	61
Figura 12 – Capelinha de festejo, dentro do Museu Iaiá Procópia.....	63
Figura 13 – Trabalho coletivo com os professores quilombolas Kalunga.....	65
Figura 14 – Helena Serafim Rodrigues.....	66
Figura 15 – Narrativas e conexões com o território quilombola Kalunga	69

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Roteiro de entrevista com as mulheres líderes quilombolas	48
Quadro 2 – Cronograma de entrevistas com as mulheres quilombolas	49
Quadro 3 – Práticas socioetnoculturais e a participação das mulheres quilombolas	77

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Localização geográfica do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga	27
Mapa 2 – Território Quilombola Kalunga no nordeste goiano	30



LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ALANEG – Academia de Letras e Artes do Nordeste Goiano

AMQKM – Associação Mulheres do Quilombo Kalunga de Monte Alegre de Goiás

AQK – Associação Quilombo Kalunga

CQKR – Comunidade Quilombola Kalunga Riachão

CQKT – Comunidade Quilombola Tinguizal

EICOS/UFRJ – Programa de Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro

FUP-UnB – Faculdade de Planaltina da Universidade de Brasília

GO – Goiás

LEdoC – Licenciatura em Educação do Campo

PRONATEC – Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego

RJ – Rio de Janeiro

SHPCIK – Sítio Histórico Patrimônio Cultural e Imaterial Kalunga

SPCK – Sítio Patrimônio Cultural Kalunga

UEG/GO – Universidade Estadual de Goiás

UFCAT – Universidade Federal de Catalão

UFT/TO – Universidade Federal do Tocantins



Sumário

CAPÍTULO I	10
1 INTRODUÇÃO	10
1.1 Apresentação	11
1.2 O desenho da pesquisa	11
1.3 Caminhos metodológicos	14
1.4 A linguagem Kalunga e variações linguísticas	15
1.5 Perguntas e objetivos desenhados para o estudo	16
1.6 Sobre justificativas e relevâncias – do quilombo Kalunga Riachão à Universidade: o caminho de uma mulher preta, esposa, mãe quilombola Kalunga	17
CAPÍTULO II – A OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO: COMO SE DEU A CONSTRUÇÃO E A LIGAÇÃO COM ÁFRICA	22
2.1 Quilombo: uma breve definição	23
2.2 A constituição dos quilombos no Estado de Goiás	24
2.3 O Quilombo Kalunga: da ocupação à produção	26
2.3.1 Vamos chegando! A chegada na Comunidade Kalunga	28
2.3.2 O que significa Kalunga?	31
2.3.3 Práticas socioetnoculturais quilombolas Kalunga e o papel significativo das mulheres	32
CAPÍTULO III – O PERTENCIMENTO TEÓRICO: EM QUE CAMPO TEÓRICO SE DESENVOLVE O ESTUDO?	34
3.1 Psicossociologia Comunitária	35
3.2 Estudos de narrativas e memórias comunitárias	37
3.2.1 Narrativas e Oralidade	38
3.2.2 Oralidade e Letramento	41
CAPÍTULO IV – SOBRE OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	43
4.1 Ferramentas	46
4.1.1 Oralidade como método	46
4.1.2 O Curiar como método	46
4.2 Instrumentos	48
4.3 Colheita de vozes	48
4.4 Sistematização e apresentação da colheita	49



CAPÍTULO IV – RESULTADOS E ANÁLISE	50
5.1 A definição das participantes da pesquisa	51
5.2 Colheita de vozes: lançadas como sementes, colhidas como frutos	52
a) Iaiá Procópia: a matriarca	53
b) Quita: a raizeira e rezadeira da comunidade quilombola Riachão	58
c) Lourdes Fernandes de Souza - Bia Kalunga	60
d) Maria Helena - Tuya: a estilista Kalunga	64
5.3 É tempo de colher o que foi plantado: narrativas das guerreiras quilombolas	66
5.3.1 Com a palavra, as Kalungas	66
5.3.2 Memórias da formação do quilombo Kalunga	69
5.3.3 Tradição Kalunga	72
5.3.4 Os saberes e fazeres Kalunga e sua transmissão	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS	82
APÊNDICE A – Lista de palavras - Levantamento e estudos das variações linguísticas Kalunga	86
ANEXOS:	
Anexo A – Registro de Consentimento Livre e Esclarecido – RCLE	89
Anexo B – Carta de Autorização de Pesquisa	92



CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Kalunga em versos

Entre serras, rios e vãos há uma nação,
na essência da vida luta contra alienação!
Muitos saberes vêm do viver,
Quanta alegria tanto saber
Com persistência e coragem os desafios
vamos vencer!
Muitos saberes vêm da memória
Com os conhecimentos constrói nova história
Psicossociologia com comunidades em ação
Novo tempo pra repensar e fazer
transformação!
Kalunga lugar sagrado de ecologia social
Amado e de proteção
Lindo por natureza
Único e reconhecido com sua população
Nunca deixará de existir
Gigante África Kalunga
Alegria de viver construindo nova história e
nação.

(Bia Kalunga)



1. Introdução

Trago na introdução uma breve apresentação do percurso da dissertação e, em seguida, o desenho da pesquisa.

1.1 Apresentação

Este trabalho encontra-se organizado em cinco capítulos.

No Capítulo I, apresento o desenho da pesquisa e me apresento como pesquisadora e pertencente ao território Kalunga, meu campo e meu berço.

No Capítulo II discutimos a respeito da formação do quilombo Kalunga, a ocupação do território e como se deu a construção e a ligação com África.

No capítulo III, refletimos sobre as manifestações e aspectos sociais das vidas psíquicas que resultam a partir da biointeração nas comunidades quilombolas Kalunga.

No capítulo IV apresento o percurso realizado e as discussões a partir das narrativas.

No desfecho da dissertação, trago reflexões e considerações que encerram essa parte do caminho, no processo de formar-me pesquisadora.

1.2 O desenho da pesquisa

A presente dissertação, centrada na valorização da oralidade enquanto princípio afrocivilizatório (Oliveira; Euclides, 2023), almeja por meio da escrita em primeira pessoa, e de narrativas de vida de quatro mulheres negras do quilombo Kalunga, afirmar um método científico quilombola próprio de fazer pesquisa. Propõe, também, à luz da Psicossociologia Social e comunitária, através da memória cultural e ancestral, uma cartografia do lugar da oralidade na resistência e na constituição da identidade das comunidades quilombolas Kalunga Riachão e Tinguizal, pertencentes ao município de Monte Alegre - GO.

Nesta construção coletiva, enquanto pesquisadora participante do Programa de Pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EICOS/UFRJ), me apresento numa espécie de porta voz de mulheres quilombolas, a partir de um contexto África Kalunga, num esforço de retomada e de preservação do patrimônio cultural imaterial afro-diaspórico.

Intentamos em realizar a pesquisa acadêmica sem abandonar a sabedoria



tradicional Kalunga, buscando neste espaço sagrado produzir uma confluência de saberes (Santos, 2015). Assim, é preciso afirmar desde já, de que o lugar da pesquisadora o qual expressa um coletivo de mulheres negras quilombola Kalunga que vivem e produzem conhecimento interseccionado com as suas origens e raízes.

Imersa num contexto de uma natureza rica e sustentável, como é o quilombo Kalunga, entendi a importância de avançar as fronteiras do quilombo e buscar na academia formas científicas de preservação da história e cultura do povo Kalunga. O esforço se deu no sentido de registrar a potência da oralidade em material escrito, num primeiro momento, com a dissertação. Vale ressaltar que nasci, cresci e resido, até os dias de hoje, no quilombo Kalunga que fica entre as serras e vãos; local que, por muitos anos, negros e negras buscaram refúgio nessas terras em busca da dignidade. Um lugar de difícil acesso para os humanos, mas de muita facilidade de conexão com a mãe terra e tudo que dela provém.

O território quilombola Kalunga está localizado entre três municípios: Cavalcante, Monte Alegre e Teresina - GO, onde estão inseridas várias comunidades distantes uma das outras (Baiocchi, 1999). A comunidade Kalunga-Riachão está localizada no município de Monte Alegre de Goiás; Riachão é composto por aproximadamente cinquenta e seis famílias. De acordo com Baiocchi (1999, p.17) a população que hoje se apresenta não se formou de origem única. Houve, é certo, um processo migratório posterior.

Conforme Baiocchi (1990), o Governo Federal se deu conta de que o Kalunga existia, mas nada fez para proteger seus moradores, cidadãos brasileiros, dos exploradores e caçadores de fortuna fácil. Hoje, o Kalunga é lugar onde novo e velho sobrevivem com falta de políticas públicas que garantam a permanência e a sustentabilidade dos moradores, principalmente os jovens com emprego, geração de renda, esporte, lazer, algo que chame a atenção e desperte interesse, estrada com as pontes em manutenção e acesso à equidade social, como é de direito de todo ser humano.

Tais demandas passam pela Associação Quilombo Kalunga (AQK-Mãe) e pelas demais “associações filhas”, dos outros municípios, cujas diretorias são compostas por mulheres que buscam solucionar problemas existentes na comunidade. Nesse sentido, as lutas coletivas deram início ao primeiro Projeto, denominado Povo da Terra, em 1980, com os moradores; lideranças com coragem e o poder da palavra abriram caminhos,



conquistaram vários benefícios e, principalmente, suas liberdades e dignidades.

O Quilombo Kalunga é considerado rico em diversidades de culturas e tradições como, por exemplo: dançar e cantar Sussa; os conhecimentos empíricos do modo de vida e a tradição cultural Kalunga: o casamento na fogueira, o uso de remédios caseiros, benzimentos, rezas, partos realizados por parteiras, folias, entre outros. Pode-se observar que esses saberes estão desaparecendo ao longo do tempo. Isso é consequência de influência externa, que está também nos acarretando vários problemas. Alguns deles são a indústria cultural e a individualização humana, que faz distanciar mais ainda da coletividade e dos saberes.

Destacamos que esta investigação, além de ser um requisito para obtenção de título, se dispôs a registrar o processo de constituição do território Kalunga a partir das vozes de mulheres, tomando como base suas recordações, lutas acerca da sobrevivência da comunidade. As mulheres quilombolas colaboradoras do estudo são parte importante de minha própria experiência de vida, por partilharmos os desafios de ser mulher, negra, quilombola e residir em um quilombo com sua peculiaridade. Aqui as vozes de resistências ecoam por meio das expressões, os saberes e fazeres, os falares, músicas, danças, reza, vestimentas, acessórios outros os quais, simultaneamente, configuram os desafios no contexto da vivência do povo quilombola Kalunga. A centralidade da mulher nessas comunidades destaca sua presença como a base principal na constituição familiar, nas atividades no quilombo, desde os fazeres do lar e cuidados com os filhos, até a agricultura familiar, plantio e colheita, assim como na saúde da comunidade, na espiritualidade, nas festividades, nos conhecimentos tradicionais, nos eventos culturais e nas lutas diárias. Os desafios enfrentados e superados são diários.

Assim, o desenvolvimento dessa investigação desperta para a importância do registro dessas vivências e a transcrição do oral para o escrito, para que as futuras gerações tenham oportunidade de conhecer o trabalho feito por uma mulher negra pesquisadora Kalunga ressaltando a importância da valorização e preservação da cultura, as tradições, as crenças, as lutas e conquistas do povo Kalunga. O despertar para a produção deste trabalho é uma experiência única e relevante para o Quilombo, seu povo e para a pesquisadora enquanto narradora participante, à medida que há uma convivência e pertencimento entre a pesquisadora e o Quilombo crescendo, convivendo e



compartilhando esses conhecimentos que estão, somente, nas memórias dos mais velhos e que não foram (ainda) registrados.

Encontra-se neste trabalho, uma oportunidade de registro dos saberes enraizados memoriais, individuais e coletivos, das mulheres e, também, uma oportunidade de trilhar por novos caminhos na Psicossociologia Comunitária, com a reorientação dos processos interventivos para o fortalecimento do coletivo e para a composição de estratégias para resolução das demandas da conjuntura atual. Dessa forma, poderá se tornar uma referência na luta pela valorização e preservação da cultura quilombola Kalunga.

1.3 Caminhos metodológicos

A pesquisa utilizou-se da narrativa testemunhal, o que possibilita a impressão nesse trabalho de recortes de nossa existência, tanto em minha própria voz, quanto nas vozes de outras mulheres quilombolas Kalunga, com suas narrativas memoriais, para soma de uma nova psicossociologia na perspectiva das Comunidades Quilombolas Kalunga de Riachão e de Tinguizal no município de Monte Alegre de Goiás. Nesse sentido, partimos das narrativas de vida das participantes, com narração de seus conhecimentos/saberes e das ocupações/fazeres tradicionais das comunidades participantes. É importante ressaltar que as participantes escolhidas sejam, somente, mulheres, se dá com sentido afirmativo de serem essas comunidades matriarcais, sendo assim, uma forma de reconhecimento e visibilização do protagonismo em geral das mulheres negras /quilombolas Kalunga. Esta escolha e definição se faz necessária por serem essas protagonistas, continuamente, expostas a disputas de narrativas nos espaços de uma sociedade racista e machista.

Para isso, foi realizado um estudo coletivo com quatro mulheres mestras - anciãs, adultas e jovens, guardiãs dos Saberes e Fazeres tradicionais do povo Kalunga. Uma delas sou eu, Lourdes Fernandes de Souza, moradora na comunidade Quilombola Kalunga Riachão, pesquisadora participante; as outras, minha vó, Matriarca 90 anos, minha mãe raizeira e a liderança Maria Helena, pessoas com quem tenho forte relação. A potência e resiliência do matriarcado Kalunga vem desde os ancestrais e, por essa razão, o desenvolvimento se dá a partir da narrativa testemunhal, pelo estudo da memória histórica e social, buscando identificar trajetórias da formação de identidade e tradição cultural



Kalunga. Nesse sentido, o estudo propõe também a análise de registros, enfatizando o processo de consolidação e formação do Território e sua conjuntura atual.

A intenção da pesquisa surgiu da convergência entre: (a) a intenção do Grupo de Pesquisa Laboratório de Memórias, Territórios e Ocupações - rastros sensíveis, do programa EICOS, de realizar e apoiar pesquisas que tratem de estudos de memórias na constituição de sentidos e identidades comunitárias, e (b) a demanda das comunidades Kalunga em relação ao levantamento e registro de saberes e fazeres transmitidos oralmente entre seus membros.

1.4 A linguagem Kalunga e variações Linguísticas

Parte importante da metodologia aqui desenvolvida está apoiada na manutenção da forma de ver, pensar e falar das mulheres Kalunga.

Entre serras e vãos, e rios, existe e resiste o povo Kalunga, povo de origem, história, lutas e resiliência. Somos peculiares em alguns aspectos, mas também iguais e humanos construtores dessa nação. De uma cultura rica e forte, com o modo Kalunga de viver e sobreviver. Luta pela Terra e pela conjuntura do Território.

O nome Quilombo Kalunga é de suma importância. Além de ser um lugar sagrado, também nos promove a resistência e permanência no Território, pois estamos enraizados profundamente, assim como a planta chamada Kalunga com suas raízes profundas difíceis de se arrancar. Este trabalho visa registrar e potencializar a valorização da língua materna Kalunga por meio dos dialetos do povo Kalunga, presentes na oralidade no dia a dia e marginalizados quanto aos preconceitos linguísticos.

É importante ressaltar que a linguagem do povo Kalunga tem origem africana, porém o processo de colonização também foi um fator contribuinte para colonização dessa linguagem, atualmente, considerada uma expressão oral errada por aqueles que não têm conhecimento da Sociolinguística Kalunga. E, nesse sentido, as pessoas precisam desconstruir esse preconceito e entender que na expressão oral somos livres e que o mais importante é a comunicação. Portanto, apresento no Apêndice A uma diversidade de dizeres do vocabulário Kalunga e os significados e sentido.



1.5 Perguntas e objetivos desenhados para o estudo

Com a propositura de assegurar a manutenção da cultura, costumes, saberes, fazeres, trocas e transmissão de conhecimentos a partir da oralidade praticado por mulheres, constituímos a seguinte problemática: *O que as histórias de vida e memórias das anciãs revela para a análise com a Psicossociologia e Ecologia Social da Comunidade Kalunga-Riachão Município de Monte Alegre de Goiás?*

No sentido de responder o problema de pesquisa, realizamos as seguintes hipóteses: *O que as histórias de vida e memórias das mulheres Kalunga revelam?* Como o desdobramento da referida problemática, foram formuladas as seguintes questões norteadoras: *O que pode ser registrado como memória viva das mulheres remanescentes do quilombo? Como descrevem seus desafios e quais estratégias de enfrentamento desenvolvem quando estão em posição de lideranças?*

Esta dissertação tem por objetivo analisar o lugar da oralidade nos processos de resiliência Kalunga. Trata-se de uma pesquisa colaborativa e participativa, por meio de registro da memória histórica e social vinculada à narrativa testemunhal de mulheres negras quilombolas, mestras dos saberes e fazeres das comunidades Quilombolas Kalunga Riachão e Tinguizal no município de Monte Alegre, norte do Estado de Goiás. Objetiva-se também, identificar, nas narrativas de quatro mulheres das comunidades, qual o papel da oralidade no processo de formação e configuração do Território Kalunga, destacando sua trajetória e conjuntura, desde as primeiras narrativas transmitidas dos ancestrais até os dias de hoje.

No sentido de atingir o objetivo proposto, propusemos como específicos: *i)* contribuir para visibilização do protagonismo das mulheres negras, destacando seu papel nos espaços, nas lutas em prol da dignidade humana e igualdades de direitos para todos; *ii)* afirmar valores civilizatório negros como a oralidade e o matriarcado, tomando-os como dispositivos constituintes de arranjos comunitários e sociais singulares aos povos tradicionais, de modo a favorecer contribuições ao campo da Psicossociologia; *iii)* promover a potencialização das práxis da tradição cultural através de múltiplos letramentos memoriais, passados de geração para geração e *iv)* identificar como se constituem os processos de transmissão oral de conhecimentos nas comunidades, construindo uma possível pedagogia Kalunga.



A investigação é de abordagem qualitativa do tipo descritiva. Como método utilizou-se a pesquisa bibliográfica e documental para construir parte do referencial teórico. A segunda parte contou com a pesquisa participante e colaborativa realizada no território quilombola. No que se refere aos instrumentos de coletas foram a narrativa testemunhal, por meio da roda de conversa, levantamento de documentos, imagens e depoimentos das mulheres com registros no diário de bordo, com transcrição das entrevistas e voz das participantes.

1.6 Sobre justificativas e relevâncias - do quilombo Kalunga Riachão à Universidade: o caminho de uma mulher preta, esposa, mãe quilombola Kalunga

Na trajetória de construção desta pesquisa recordarei meu passado no intuito de relembrar meus passos, desafios e motivações para aprender a ler e escrever e hoje ser graduada em curso superior, o que me proporcionou a me conhecer melhor e conhecer, especialmente, a minha identidade e valorizar a vida, a minha história, meu povo e seus saberes tradicionais e linguísticos para melhor compreender a nossa realidade de antes e agora. Estabelecerei relações entre as fases mais marcantes da minha vida e da minha trajetória estudantil, profissional, resistência/ lutas e formação acadêmica desde os primeiros anos escolares.

Meu nome é Lourdes Fernandes de Souza, conhecida por todos os moradores como “Bia Kalunga”, um apelido que ganhei do meu avô Salustriano aos três dias de vida, pois naquela época as crianças nasciam e demoravam a ser registradas e ganhavam apelidos. No entanto, nascia uma mulher negra, simples e de sonhos, nasceu para cumprir sua missão e desde pequena almejava aprender a ler e escrever, mas também partilhar os seus Saberes por meio de sua experiência de vida.

Nasci e resido na comunidade quilombola Kalunga Riachão, no Município de Monte Alegre de Goiás. Tenho 37 anos, sou mãe de três filhos: Uriel, Uigme e Luara, os melhores presentes que Deus me deu. Sou filha de lavradores, Quita de Souza Ribeiro e Leo Fernandes dos Santos. Sou neta da Matriarca, abelha rainha, Iaiá Procópio. Uma mulher negra, sábia e forte, que possui Múltiplos Letramentos, memorial e tradicional, considerada uma biblioteca viva. Cresci convivendo e aprendendo com ela, meus pais e a comunidade em geral os Saberes e Fazeres Kalunga desde os modos de viver, plantar e



colher.

Meus pais se casaram jovens. Na época não tinha escola, portanto, não concluíram os seus estudos, leem e escrevem o básico. Mas aprenderam com a escola da vida e possuem uma bagagem cheia de conhecimentos aprendidos com seus pais. Tiveram oito filhos, três meninos e cinco meninas. O primeiro filho faleceu aos dois anos. Posteriormente, dois anos depois, nasci, trazendo de volta alegria para a família. Sou muito agradecida pela família que tenho, meus pais e avós são meus exemplos.

Minha mãe é Mestra dos saberes e fazeres Kalunga e desenvolveu seus dons como benzedeira, rezadeira e raizeira. Com seus familiares, fazem garrafadas com as plantas medicinais Kalunga para prevenção e tratamento de várias doenças como: limpeza e infecções de úteros, intestinos, doenças respiratórias e pulmonar e outras. Meu pai é um folião guia, envolvido com os eventos culturais na comunidade local e todo o Quilombo. Tudo que sabe foi aprendido com os seus pais e os mais velhos. A nossa história de vida se configura com o processo histórico do Quilombo e a história do Quilombo se consolida nas narrativas da população, que hoje se tornou o Povo Kalunga, definido pela humildade e pela honestidade que o caracterizam.

Em 1980, começa o primeiro projeto Kalunga chamado Povo da Terra e, logo, vem o reconhecimento oficial e as escolas são pautadas como prioridades. Em 1991, surge a primeira Escola Estadual Calunga II na comunidade Riachão, onde iniciei meus estudos com 9 anos.

Cursei da 1º ao 4º série dos anos iniciais do Ensino Fundamental e, para dar continuidade nos estudos, foi preciso meus pais me colocarem na cidade de Campos Belos de Goiás, onde eu morava em casa de família, sendo babá, ganhando 70 reais durante o dia e estudando no período noturno. Não foi fácil viver longe de meus pais, irmãos, avós e ainda conviver com outras pessoas que não eram meus parentes, não conheciam minha realidade e nem entendiam, de fato, minha história de vida. O tempo passou e eu, ali, crescia aos poucos, a menina negra imatura. Estava no controle, Deus. Meu sonho era concluir o ensino médio e ser professora.

Em 2007, consegui uma vaga para trabalhar como professora. Daí fui adquirindo experiência com processo de mediação, buscando ajuda aos colegas e toda a equipe escolar. Minha vocação não era só dar aula e, sim, ser uma profissional preparada com



conhecimentos além de minha realidade, capaz de transformar, de fato, a vida pessoal e profissional dos alunos.

Em prol de cursar o Ensino Superior, matriculei no curso de pedagogia pela UNITINS, atualmente, Universidade Federal do Tocantins UFT -TO. No entanto, além das despesas das viagens e permanência no polo Campos Belos para assistir às aulas, o salário só estava dando para sobreviver, então desisti. Ainda mais, estava grávida do meu primeiro filho, Uriel. Mesmo com esses desafios, meu sonho, cada dia, aumentava.

Em 2010, fui informada e orientada pelo professor Rosolindo Neto, ex-diretor da Universidade Estadual de Goiás - UEG, sobre a Licenciatura em Educação do Campo - LEdoC e foi a oportunidade que me proporcionou a progredir na minha vida acadêmica. É válido ressaltar, que todo o percurso mencionado me deu base, segurança e despertou, mais ainda, a vontade de prosseguir com meus estudos.

Tenho certeza de que este Programa de Pós- Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social – do Programa EICOS, com certeza irá me proporcionar a ampliação de novos conhecimentos com nova forma, para melhor desempenho na minha vida profissional e pessoal. Atualmente, estou Diretora da Escola Estadual Reunida Calunga II com uma sede e oito extensões pelo município de Monte Alegre de Goiás. E, para mim, é uma grande honra e oportunidade de representar meu povo em uma instância tão importante na Educação quilombola Kalunga.

Estou na continuidade no processo estudantil em busca de potencialização de conhecimentos diversificados para ser uma profissional de qualidade e competente.

Atuo como uma liderança na comunidade, meus conhecimentos vêm de meus ancestrais e, para honra e preservação da minha Identidade e do meu Povo, estou sempre no barco da luta coletiva em prol do fortalecimento e busca da igualdade de direitos para todos, em especial o Quilombo Kalunga. Participo frequentemente de ações, eventos, seminários e outros, a fim de ampliar meus conhecimentos e contribuir melhor com minhas opiniões e sugestões nos espaços coletivos. Ressalto, ainda, que estou envolvida na organização e realização dos eventos culturais Kalunga como as festas, rezas, danças e em especial os Saberes e Fazeres das mulheres anciãs quilombolas Kalunga. Procuro sempre segui-las e dar o meu melhor nas práticas dos eventos culturais, com o intuito de preservar a tradição local. Acredito muito na Educação, no Poder Popular e prezo a



coletividade.

Atualmente estou gestora na Educação quilombola Kalunga focada em uma Educação de qualidade, igualitária, libertadora e equânime, com intuito de formar cidadãos críticos, capazes de ir além de sua realidade, entendendo a essência da sociedade, sabendo se posicionar e se defender diante de seus direitos. Procuo envolver toda a população Kalunga no processo educacional das crianças, jovens e adultos; é importante conhecer a realidade de cada aluno, principalmente aqueles que têm mais dificuldades. Me dedico muito, pois procuro ajudar todo contexto escolar no qual trabalho. É importante ressaltar, que ensinar é uma tarefa árdua. É preciso ter muito amor e dedicação, no processo de ensino e aprendizagem; o professor é um mediador de conhecimentos e há uma troca de saberes, tanto o aluno quanto o professor aprendem ao mesmo tempo. No entanto, o professor deve estar sempre inovando seus métodos de ensino, buscando atender, de fato, a necessidade do aluno.

Sou graduada em Licenciatura em Educação do Campo, na Área de Linguagens, período 2010 a 2014, na Faculdade de Planaltina – FUP-UnB, com Especialização em Língua Portuguesa Aplicada ao Ensino Básico, período 2017 a 2019 também na FUP-Planaltina UnB, Especialização na Pós-graduação no curso da Educação do Campo na Universidade Federal de Catalão – UFC-GO e Mestranda em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

Durante a graduação, fui bolsista do Programa PIBID-Diversidade, contribuindo 30 horas com aulas de reforços interdisciplinares nas turmas do 1º ao 5º ano e 6º ao 9º ano do ensino fundamental no Colégio Calunga II durante a graduação. Ministro aulas desde 2007 na rede estadual. Tenho experiência em ensino fundamental e médio, e fui alfabetizadora de jovens e adultos no Programa BB-Educar, da Fundação Banco do Brasil, em 2012. Além disso, sou ex-vice-presidente da Associação Mulheres do Quilombo Kalunga de Monte Alegre de Goiás (AMQKM), ex-Conselheira da Associação Quilombo Kalunga (AQK) e membro oficial da Academia de Letras e Artes do Nordeste Goiano (ALANEG), onde ocupo a cadeira 48 do patrono Abdias Magalhães Ornelas.

É importante dizer que também sou poeta e gosto muito de ler e escrever. Tenho dez poemas escritos; minha primeira publicação foi o poema *Quilombo Kalunga*. Depois, o conto *As feras do Bocão* e o livro *Kalunga; Memória e Resistência Iaiá Procópio*, ela



autora da oralidade e a pesquisadora a escriba que faz a transcrição do oral para escrito). Atuo como professora de escolas quilombolas desde 2007; já atuei como coordenadora pedagógica durante cinco anos, monitora do curso técnico do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego – PRONATEC pela rede estadual, durante dois anos em 2017, monitora do projeto de formação continuada de professores TERRAFOR, durante oito meses em 2018, também pelo estado. Tenho experiência com o ensino dos anos iniciais fundamental 1, com fundamental 2 e ensino médio. Em 03 de Maio de 2021, assumi a direção do Colégio Estadual Quilombola Kalunga II, com uma sede e oito extensões agregadas, localizadas de 8 a 35 km da sede, e entre 12 e 40 km entre serras e vãos, cada uma com suas particularidades.

O meu Trabalho de Conclusão de Curso na Graduação abordou Letramento e História de Vida nas Memórias de Procópio dos Santos Rosa da Comunidade Kalunga-Riachão no Município de Monte Alegre de Goiás. Foi motivado durante as aulas de História e Memória do Território na graduação, e agora nas aulas de Psicossociologia com Comunidades e Ecologia Social com os conteúdos, partilhas e debates.

Nessa direção, pretendo aprofundar minha pesquisa de dissertação, analisar, registrar e descrever os saberes e fazeres das líderes e mestras Kalunga da comunidade Quilombola Kalunga – Riachão. A partir da memória histórica, identificar como se constituem os processos de transmissão oral de conhecimentos na comunidade, construindo uma possível Pedagogia Kalunga.

Acredito que este trabalho contribuirá, de fato, para a valorização e visibilização dos Saberes e Fazeres do povo negro Kalunga. Que possa ser utilizado e disponibilizado nas escolas municipais e estaduais aos alunos e à comunidade, possibilitando o fortalecimento desses conhecimentos e despertando o interesse do aprender para que, aos poucos, se vá entendendo a relevância desse saber empírico tradicional Kalunga, que seja reconhecido e registrado, para que não seja esquecido.



CAPÍTULO II

A OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO: COMO SE DEU A CONSTRUÇÃO E A LIGAÇÃO COM ÁFRICA



Fonte: Acervo da autora (2024)

Farinhada (canto popular)

Vou fazer uma farinhada,
muita gente vou chamar.

Vou fazer uma farinhada, muita gente vou chamar

Só quem entende de farinha

Venha até aqui.

Vou chamar a *fulana* pra chegar até aqui.



Faz-se relevante, neste capítulo, uma apresentação geral do Quilombo e do contexto histórico-dialético no qual estamos inseridos, nessa nação racista e capitalista.

O Brasil foi o último país a abolir o modo de produção escravocrata. Segundo Santos (2022), foram mais de 350 anos de despersonalização, violentação sexual, mental e social impostas aos homens e mulheres negras. Todavia, após esse perverso processo, instituiu-se o modo de produção capitalista que contribuiu para invisibilização e a intensificação da caça aos direitos e a exclusão social da população de pele negra.

2.1 Quilombo: uma breve definição

Segundo Fernandes (2008), com a vida difícil e a necessidade de resistência ao perverso processo do recém modo de produção capitalista, “(...) o aquilombamento se tornou uma alternativa para a condição de subalternidade agregando populações livres e muitos cativos, negros, mestiços, indígenas e brancos pobres” (Pasti; Júnior, 2019, p. 2). O movimento de aquilombamento do Brasil teve diversos nomes e processos, como os mocambos, quilombos ou organizações ilegais de fugitivos de pele negra.

Como nos assegura Soares (2016), a palavra quilombo advém da língua Bantu e a organização do quilombo, as suas estruturações, têm origem nos povos africanos desde do início da humanidade. Portanto, as organizações do contexto quilombola aqui no Brasil são herdadas e instaladas gerando uma forma de vivência sem perder esse vínculo.

No entanto, historicamente a primeira vez que temos a definição de quilombos foi no ano de 1740, que, de modo pejorativo e agressivo definiu que “toda habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados e nem se achem pilões levantados” (Schimitt; Turatti; Carvalho, 2002, p. 2).

De acordo com Silva (2019), a caracterização da população negra nessa lógica torna-se ofensiva e criminalista, uma vez que os elementos como “fugidos” reforçam tais argumentos. Essa definição também reforça a negação de África, já que a sua definição não condiz com os quilombos africanos, os quais eram um espaço sagrado, coletivo e colaborativo.

Embora, tais caracterizações sejam descritas por indivíduos de classe social contrária aos operários, plebeus e pobres, é preciso reforçar que não existe apenas uma história. A perspectiva contracolonialista de Santos (2015) tem nos ensinado que é preciso



visitar o passado e entender as contradições para refletir sobre o presente e articular o futuro. Nesse sentido, na concepção contracolonial:

O quilombo era uma afronta aos senhores, algo ilegal e de caráter criminoso, que descumpria com as normas e legislações da coroa portuguesa e causava grandes preocupações aos senhores de terras, pois a fuga dos escravos era a causa de grandes prejuízos. A formação de um quilombo era sinônimo de transgressão à ordem escravista, a relação entre o aumento populacional dos quilombos se dava pelos constantes castigos sofridos nas senzalas, bem como à oportunidade de liberdade (Faria, 2020, p. 32).

Concordando com Fernandes (2008), essa organização social coletiva e colaborativa promove a biointeração e o bem viver de todos(as), fortalece a união trilhando novo caminho de luta e conquista para superação dos desafios diários. Como quando “as lutas pela liberdade eram frequentes e a conquista pelo direito de os indivíduos serem livres conquistada pela força, rompendo com o discurso de consentimento pela elite política e econômica colonial” (Faria, 2020, P. 33).

Não podemos esquecer que dentre todas as mudanças que a sociedade brasileira realizou, desde o perverso movimento Colonialista, Imperialista ao Democrático de Direito, a população negra-afrodescendente sofreu com o racismo, a discriminação e o preconceito bem como a imposição de um pensamento neofacista europeu que impediu a ascensão da população negra em território nacional.

Com efeito, diante de tudo isso, é fato que, em diversos estados do Brasil, os quilombos foram uma das maneiras de “escapar dos maus tratos e opressões procurando os lugares mais remotos e isolados para recrear em liberdade seu modo de vida e preservar sua cultura original” (Echeverry *et al.*, 2017, p. 5).

2.2 A constituição dos quilombos no Estado de Goiás

O final do século XVII para o início do século XVIII, foi marcado pelos processos de expansão da colonização portuguesa em direção ao centro-oeste do Brasil. A corrida pela exploração de pratas e metais, exploração de novas terras, capturas dos povos indígenas e negros foram encabeçados pelas expedições conhecidas como “bandeiras, entradas, conquistas, descobrimentos, jornadas, partidas, companhias ou campanhas” (Resende, 2005, p. 187).

Em 1722, Bartolomeu Bueno da Silva (Anhanguera), obteve a licença para liderar



as bandeiras nas terras goianas, já que, se em Minas Gerais o ouro era encontrado com facilidade, nas terras goianas não seria diferente. As bandeiras eram indivíduos que participavam das expedições. Em meio às expedições, os portugueses mantinham interesse nos povos indígenas, no sentido de catequizar e de moldar esses indivíduos às suas vontades e crenças. A imersão em Goyazes, não era para povoar a região, mas sim, para extrair os seus metais. A exploração se deu com os indígenas, inicialmente, e, após um longo período, com a mão de obra negra não remunerada.

Como nos diz Meegen Silva (2007), a quantidade de negros e negras transportados para Goiás chega a ser incalculável, pois os dados não eram levantados devido a não ser atrativo aos mercadores. Como uma prova dessa injustiça, não podemos esquecer que, à época, o Senhor Ministro Rui Barbosa ordenou a queima de diversos arquivos federais, o que implicou na perda da real compreensão do número de escravizados no Brasil.

De acordo com Santos (2022), não somente a queima foi um esquema fraudulento de negação dos povos africanos, a sonegação de impostos e o apagamento destes povos também, haja vista que, se a quantidade de negros era desconhecida, a quantidade de impostos também se tornava incalculável.

Os escravizados que eram transportados para as terras de Goyazes vinham de Minas Gerais e Bahia. Eram negros de origem sudanesa, que em África trabalhavam e tinham experiências com mineração. Os negros eram “tratados como animais, ou seres inferiores, os escravos realizavam trabalhos pesados e exaustivos, sem um descanso merecido, recebiam uma alimentação insuficiente e de má qualidade, recebiam também castigos físicos que, em alguns casos, os levavam a morte” (Munanga, 2004, p. 15).

Além de uma vida sofrida, os negros eram compreendidos como indivíduos sem alma, desejos ou vontades. A violência era tanta que, para diversos sujeitos, o suicídio era a alternativa de descanso e paz. No que se refere ao ouro, nos vinte primeiros anos de exploração o território goiano foi quase todo percorrido. Santos (2022), reitera que, por mais que a ideia das bandeiras fossem a caça ao ouro, nos locais que se encontravam, fixavam pontos de extração, o que contribuiu para o povoamento de diversos locais no Estado de Goiás.

De acordo com Koyanagi (2016), a mineração foi de 1726 a 1770. Após essa caminhada de extração do ouro, o modo de produção no Brasil volta-se para as



plantations. Com o declínio do ouro, Goiás deu início à produção agropecuária, atividade que é basilar até os dias atuais para manutenção do Estado. Diversos escravos conseguiram fugir dos maus tratos e outros se refugiaram nas matas ou locais remotos de difícil acesso, para assegurarem a sua liberdade. Na caminhada por locais remotos, com árvores tortas, montanhas e riachos, obtivemos as primeiras ideias de formação de quilombos no nordeste goiano, quilombo este que perdurou por mais de 200 anos, sobrevivendo apenas da natureza e dos seus conhecimentos e experiências adquiridos.

Este local remoto, atualmente é conhecido por quilombo Kalunga, ao qual é composto pelos municípios de Cavalcante, Monte Alegre e Teresina de Goiás. Conforme Velloso (2007), nessas terras habitavam, também, os povos indígenas que seriam os xavantes, “Crixás, Borora, das margens do Rio São Lourenço, Goiazes, das vizinhanças da Serra Dourada, Araés, do baixo Rio das Mortes, Avácanoeiros, do vale do rio Paranã e Tocantis, que teriam se aliado e se misturado a escravos negros em fuga; os Capepuxis, os Apinagés” (Souza, 2008, p. 26).

Nesse sentido, percebemos que a população quilombola Kalunga foi se formando a partir da interação entre escravizados, indígenas e diversos povos que, à época, praticavam a migração em busca de terras férteis e trabalho arrendado.

2.3 O Quilombo Kalunga: da ocupação à produção

De acordo com Baiocchi (1999), o maior quilombo do Brasil resistente até nos dias de hoje é o Kalunga, reconhecido oficialmente em 1991 pelo governo do Estado de Goiás, como Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga (SHPCK), parte essencial do Patrimônio histórico e cultural brasileiro, localizado na Região Centro-Oeste, em Goiás; que sobrevive ainda hoje com poucas mudanças de quando foi iniciado, há mais de duzentos anos.

O Decreto Federal nº 4887 de 10 de novembro de 2003 é responsável por “[...] regulamentar o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos” (Brasil, 2003, p. 1), tendo como órgão responsável a Fundação Cultural Palmares (FCP). No que se refere à regularização, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) tem como finalidade colocar em prática as “(...) ações de



regularização fundiária, para garantir os direitos étnicos e territoriais dos remanescentes das comunidades dos quilombos, nos termos de sua competência legalmente fixada” (Brasil, 2003).

Um dos grandes ganhos com este Decreto foi a identificação das comunidades e reminiscentes de quilombos ao destacá-los como “os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida” (Brasil, 2003, p.1).

O Sítio Patrimônio Cultural Kalunga (SPCK), é considerado o maior quilombo em extensão territorial da América Latina. São aproximadamente 230 mil hectares abrindo, aproximadamente, quatro mil famílias. Esta área ocupada foi reconhecida pelo Governo do Estado de Goiás desde os anos 1990 como “Sítio Patrimônio Cultural Kalunga (Lei Estadual N° 11.409/1991). E em fevereiro de 2021, o local foi reconhecido pela Organização das Nações Unidas - ONU como o primeiro Território e Área Conservada por Comunidades Indígenas e Locais (Ticca) do Brasil” (Alego, 2023, p. 1), como demonstramos no Mapa 1.

Mapa 1: Localização geográfica do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga



Fonte: Araújo (1999).



De todo o território, destacam-se quatro núcleos com o maior número de integrantes. Destaca-se a “Contenda, Vão de Almas, Vão do Moleque e Ribeirão de Bois, que ficam nos municípios de Cavalcante, Monte Alegre e Teresina de Goiás, na Chapada dos Veadeiros.” (Encontroteca, 2023, p. 1). Dentre estes pequenos núcleos, destacam-se os “povoados como Engenho, Diadema, Riachão, Ema, entre outros”. (Encontroteca, 2023, p. 1).

Compreendendo que o território é cercado por mais de 30 comunidades, isto é, pequenos núcleos, enviamos as nossas compreensões para a comunidade quilombola Kalunga-Riachão, localizada no município de Monte Alegre de Goiás. A referida comunidade é composta por aproximadamente cinquenta e seis famílias.

Como todos os territórios, a comunidade possui peculiaridades e características próprias, entre as quais o uso de termos que constituem quase que um dialeto local (Souza, 2008). De acordo com Baiocchi (1999, p. 17). A população que hoje se apresenta, não se formou de origem única; habitavam também os povos indígenas e demais grupos sociais que sofriam com a organização da política excludente do Brasil.

2.3.1 Vamos chegando! A chegada na Comunidade Kalunga

Figura 1: Entrada da comunidade quilombola Kalunga Riachão



Fonte: Acervo da autora (2024).



A Comunidade Quilombola Kalunga-Riachão está centralizada entre as doze comunidades no município de Monte Alegre de Goiás. Na figura 1, a estrada principal, a qual dá acesso as demais comunidades. Com o aumento das famílias houve, um certo processo migratório posterior que resultou na formação de outras Comunidades, totalizando 12 localidades espalhadas entre serras, vãos e a beira do Rio Paranã, o maior rio que corta o Quilombo de fora a fora.

Cada comunidade tem sua nomenclatura e peculiaridades. Mesmo com as dificuldades de sobrevivência e acesso, o povo buscou e criou um modo de reviver construindo novas vidas.

A gestão do quilombo, atualmente, está organizada pelos instrumentos de luta coletiva chamados de associações. O primeiro projeto organizativo, e que deu início para o reconhecimento pela fundação Palmares e denominação do território, foi o Projeto Kalunga Povo da Terra. Com ele, um grupo de lideranças se organizou, gerando uma diretoria representativa que era quem ia até as instâncias governamentais e autoridades para reivindicação das necessidades, narrando a realidade e o motivo de estarem ali. Tempos passaram e benefícios foram chegando, tais como: titularização do quilombo, escolas, abertura de estrada, água encanada, energia, entre outros. O que antes era um projeto passou a ser a Associação Quilombo Kalunga (AQK), com nova equipe na diretoria. A AQK, hoje, rege três municípios goianos, Monte Alegre, Teresina e Cavalcante, e é considerada Associação Mãe. As demais associações como a Comunitária, de Turismo e de Mulheres são consideradas filhas porque surgiram posteriormente, porém tudo que vem para o Quilombo/Território é passado primeiro pela AQK pois é uma instância maior a se consultar e onde alinhar as demandas. Em síntese, é importante ressaltar que a gestão do Quilombo/Território é coletiva, ocorre nas reuniões, assembleias e eleições em que os moradores participam com suas opiniões e sugestões em prol de melhoria para tod@s.

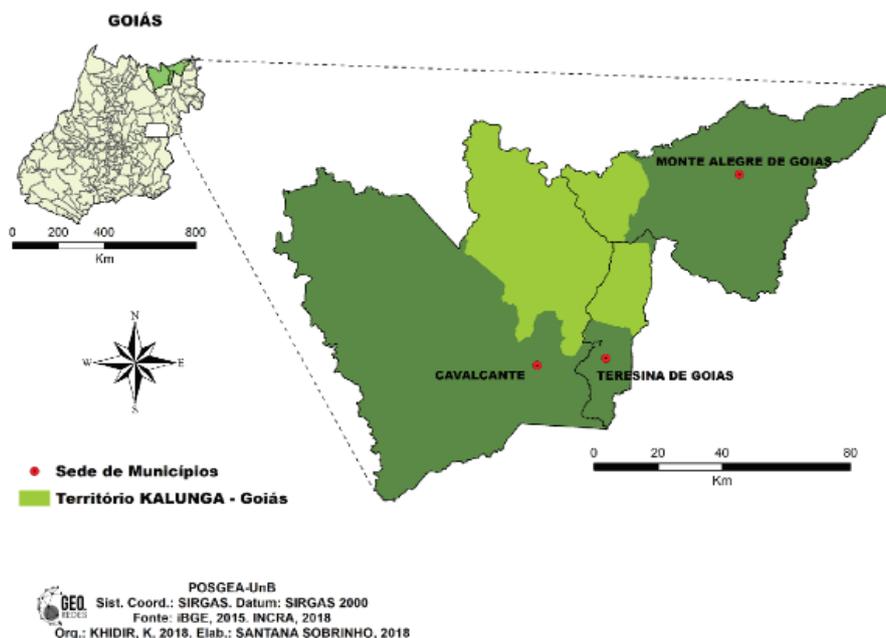
Atualmente, o Quilombo Kalunga abriga a proximamente 8.000 pessoas, subdivididas em várias comunidades denominadas com nomes próprios.

Vale ressaltar que somos reconhecidos e registrados como Sítio Patrimônio Cultural Material e Imaterial, o maior em nível nacional. Somos resilientes que visam preservar os saberes e fazeres oriundos da processualidade da sua luta social (territorial)



no contexto histórico Brasil-África. Desse modo, a nossa cultura está fortemente enraizada com a história universal e singular do Brasil. Diante disso, as nossas práticas sociais e diárias, são fortemente conduzidas por nossa identidade cultural herdada de nossa ancestralidade.

Mapa 2: Território Quilombola Kalunga no nordeste goiano



Fonte: Khidir (2018).

Com suas lutas próprias, os moradores sobrevivem e permanecem no Quilombo adquirindo experiências em suas vivências, com sabedoria de um povo herdado de seus ancestrais, com seu jeito peculiar de tratar as coisas, as manifestações culturais Kalungueiras, desde produzir os sustentos da agricultura familiar, contar os causos, cumprimentar e acolher as pessoas de forma humilde, em um modo de vida próprio daquele território.

Entretanto, o Sítio Histórico Patrimônio Cultural e Imaterial Kalunga e sua população são frutos das lutas coletivas em busca da igualdade de direitos dos povos negros, camponeses e quilombolas, a qual está se efetivando nas realidades das comunidades, reafirmando a Identidade do ser Kalunga, viabilizando a História e a



Memória enquanto povo pertencente dessa humanidade. Desse modo, se faz entender que, passado e presente são categorias que se fundem, quando há um entendimento de que uma é consequência da outra, e vice-versa.

O povo Kalunga e suas comunidades são exemplo vivo dessa relação, e nos reporta a reconhecer a importância que se tem em resgatar o passado para entender o presente, ao mesmo tempo em que temos de verificar a manifestação do presente para compreender as suas origens no passado, com a promoção dos conhecimentos ancestrais para as futuras gerações, garantindo a preservação e a reafirmação da identidade.

Esta pesquisa é realizada com a metodologia qualitativa, ligada com a participante em interlocução com a pesquisa colaborativa e participativa, promovendo uma nova Psicossociologia e Ecologia Social da Quilombola Kalunga Monte Alegre - GO, enfatizando as histórias de vida e memórias das mulheres Kalunga. Um novo olhar e entendimento da psicossociologia, que parta do contexto local, considerando a pesquisa como uma construção coletiva, que transborde o território e se mostre para fora, dando visibilidade e reconhecimento das mulheres da comunidade como construtoras de notórios saberes, que devem ser considerados pela academia.

Além disso, foram registradas as biografias das quatro mulheres matripotência, das quais foram identificadas e descritas suas práticas de letramentos e os modos de sobrevivências em sua trajetória, em diálogo com os seguintes autores: Baiocchi (1999), Soares (2004), Rojo (2009), Bozza (2005), Montero (1994; 2006), Bispo (2007), (Morana, 1995, p. 489) Narrativa Testemunhal, o artigo: Psicossociologia com comunidades: abordagens senti pensantes como emergência na América Latina dos autores(as), Daniel Renaud Camargo, Bárbara Pelacani, Renata da Silva Faria, Claudia Miranda, Samira Lima da Costa para fundamentação teórica e metodológica.

2.3.2 O que significa Kalunga?

A palavra Kalunga ou Calunga no Brasil, obteve diversos significados que, em suma, não dialoga com a propositura deste trabalho. Nessa escrita, sendo uma porta voz das mulheres negras quilombolas e como quilombola, buscarei evidenciar os significados da palavra Kalunga e o seu significado imaterial e simbólico para nós Kalunga.

Inicialmente a palavra Calunga tem diversos sentidos, sobretudo na língua



portuguesa. Em determinados espaços e locais, pode ser compreendida como:

Quer dizer coisa pequena e insignificante, como o ratinho camundongo que, no Nordeste do Brasil, se chama calunga ou então catita, e, por outro lado também significa pessoa ilustre, importante. É também o nome que se dá à boneca que sai nos cortejos dos reis negros dos maracatus de Pernambuco, e ainda significa morte, inferno, oceano, senhor (Brasil, 2005, p. 31).

Com relação ao território quilombola, a palavra Calunga significa o nome de uma planta que pode ser encontrada as margens dos rios. Com relação a Kalunga, “é uma palavra comum entre muitos povos africanos e foi com eles que ela veio para o Brasil. Era normal por isso que os próprios africanos fossem chamados assim, calungas. Este era apenas um outro modo de dizer negros” (Brasil, 2001, p. 31).

De acordo com Almeida, a transição de Calunga com “C” para com “K”, foi atribuída por Baiocchi (1996). No entanto, para Santos (2022), é preciso ainda difundir estas formas em diversos meios, além dos acadêmicos, pois, também se torna uma forma de combate ao olhar pejorativo, o que pode implicar em uma relação de respeito a esses povos de comunidade. Concordando com Velloso (2007) a palavra Kalunga ainda é complexa, essa dominação sofreu uma interpretação inversa do que seria o pensamento de Baiocchi, já que “próximos ao território Kalunga, chamava-os historicamente de Calungas ou calungueiros, mas essa denominação sempre teve caráter negativo, associando-os aos pretos que vivem nas serras ou nos vãos” (Velloso, 2007, p. 93).

Dessa forma, por décadas, a identidade Kalunga foi atribuída, mas sequer foi construída pelos sujeitos que compõem esse grupo social. É por isso que, na atualidade, é necessário que a história seja narrada na voz daqueles que sofreram com a invisibilização e reconstruir uma narrativa a qual tenha a história destes indivíduos como construtores da própria história.

2.3.3 Práticas socioetnoculturais quilombolas Kalunga e o papel significativo das mulheres

As práticas sociais de um povo, ou de um grupo social, revelam as suas ligações com a natureza, terra, lugar, território, religião e outras relações próprias de cada território que ora foi territorializado. Para Santos (2022), o que diferencia a prática dos quilombolas são os aspectos ancestrais coligados com a natureza. Nesse sentido, Santos (2022), classifica essas práticas como socioetnoculturais:



[...] definimos que sócio são os fatores sociais que um grupo ou comunidade se intenta dos relativos problemas usuais, visuais e socioespaciais que afrontam a sua realidade social em um território concreto ou simbólico. Etno como a influência do ambiente social, cultural, linguagem, características delimitadas, ritos, mitos e aspectos próprios de determinados grupos. Culturais como atividade, estilo, técnica, modelo de vida adotados por indivíduos, comunidade e grupos sociais para assegurar a sua produção e reprodução social (Santos, 2022, p. 141).

Dessa forma, as práticas socioetnoculturais são o conjunto de atividades, manifestações interativas entre povos, praticadas por um grupo específico que, à sua maneira observa, interfere e modifica o ambiente histórico-social. Nas comunidades quilombolas Kalunga, sobretudo no Riachão, diversas práticas podem ser encontradas.



CAPÍTULO III

O PERTENCIMENTO TEÓRICO: EM QUE CAMPO TEÓRICO SE DESENVOLVE O ESTUDO?



Fogo!...Queimaram Palmares,
Nasceu Canudos.
Fogo!...Queimaram Canudos,
Nasceu Caldeirões.
Fogo!...Queimaram Caldeirões,
Nasceu Pau de Colher.
Fogo!...Queimaram Pau de Colher...
E nasceram, e nascerão tantas outras
comunidades
que os vão cansar se continuarem
queimando.
Porque mesmo que queimem a
escrita,
Não queimarão a oralidade.
Mesmo que queimem os símbolos,
Não queimarão os significados.
Mesmo queimando nosso povo,
Não queimarão a ancestralidade
(Nego Bispo, 2022)



3.1 Psicossociologia comunitária

Montero (2006) destaca a importância de se reconhecer o cenário complexo que é trabalhar com comunidades e com conhecimento popular. Na criação de uma rede dialógica entre especialistas e comunidades, está firmada a proposta de valorizar a construção do conhecimento a partir de uma perspectiva histórica alinhada com processos participativos que a autora realizou, pesquisou e escreveu por mais de três décadas. Para Montero (1994) a Psicologia Social e Comunitária Latino-Americana pressupõe um fundo político, mas não no sentido estreito do partidarismo, e sim, no sentido da cidadania.

A Psicossociologia nasceu como proposta teórica no campo da Psicologia Social, com a ideia central de compreender os fenômenos psicológicos e sociais em comunidades desde seus surgimentos até a conjuntura atual. Nesse sentido, percebe-se que a Psicossociologia está fortemente interligada ao meu trabalho como sujeito participativo e colaborativo no movimento social quilombola Kalunga. Para tratar desses conceitos, entendo que a pesquisa em Psicossociologia com Comunidades é, ao mesmo tempo, investigativa e transformadora, pois seu caráter participante promove questionamentos quanto à compreensão crítica e reflexiva da conjuntura atual e local.

A história da psicossociologia enquanto área da psicologia, aponta que ela surge na Europa, inspirada em estudos da psicologia social, com uma perspectiva psicanalítica e desenvolvimentista influenciada pelos estudos sociológicos de dinâmicas grupais (Taketti *et al.*, 2021).

Entretanto, podemos identificar seu surgimento, também como campo da sociologia e da psicologia crítica, mais comum na América Latina, onde nasce como uma nova forma miscigenada de culturas e contextos de enfrentamento à desigualdades. Surgem, então, a psicologia Sócio-histórica, com Silvia Lane (PUC/SP), a Psicologia Comunitária Latino-americana apoiada na psicologia da libertação, de Martin Baró, a psicologia crítica de Maritza Monteiro, a psicologia Comunitária de Fátima Quintal e a psicossociologia comunitária proposta por Maria Inácia D'Ávila.

Foi a necessidade de constituir um campo de estudo e prática verdadeiramente voltado aos problemas sociais que fez emergir a proposição de psicologias latino-



americanas. Este foi um movimento de levante que contou fortemente com o diálogo produzido por outros movimentos críticos da época, como a Pedagogia Crítica de Paulo Freire e a pesquisa Ação-Participante de Orlando Faz Borda, potencializando a nova forma da psicossociologia brasileira como um campo interdisciplinar de conhecimento.

Nas últimas décadas a psicossociologia vem se constituindo e se consolidando a partir de produções próprias, enquanto campo de conhecimento inter e transdisciplinar dentro da grande área das Ciências Sociais e Humanas, voltado para composição de saberes e tecnologias que venham ao encontro dos problemas contextualizados e localizados na experiência dos países latino-americanos, tanto em sua diversidade cultural e geopolítica, quanto em suas confluências enquanto povos colonizados (Camargo *et al.*, 2021).

A Psicossociologia é uma forma de lembrar histórias, conhecimentos tradicionais e ancestrais de um povo e todo seu contexto local. É um resgate total que pode ajudar para a desconstrução do racismo que ainda há camuflado no mundo e Brasil. Nesse sentido, considerar a psicossociologia dentro do campo dos estudos comunitários nos remete à concepção de comunidades. Na perspectiva historiográfica brasileira, para conceituar o que é comunidade, seria necessário falar, primeiro, sobre o que é quilombo, assim como o que é aldeia.

Tomando o eixo que nos cabe nesta pesquisa, vale ressaltar que a historiografia brasileira registra que quilombo é um conceito próprio dos africanos bantos, que vem sendo modificado através dos séculos. Quilombo é um termo banto e quer dizer acampamento guerreiro na floresta. Esses locais se transformaram em verdadeiras comunidades e cidades. Muitas delas foram destruídas, outras, no entanto, permaneceram intactas até o fim do regime de escravidão no Brasil, em 1888 (Baiocchi, 1999).

Segundo Baiocchi (1999), o termo Kalunga tem um significado que envolve o sentimento de território, sendo considerado um lugar sagrado e ainda uma planta que nunca seca, a *Simaba Ferrugínea*, que representa o poder e a ancestralidade, valorizando a memória dos antepassados africanos que primeiro se enraizaram naquelas terras, transformando o espaço geográfico, fortalecendo sua identidade.



Quilombo é um símbolo de luta dos negros no Brasil. Era um lugar de difícil acesso, onde os negros se refugiaram dos senhores de escravos que os tratavam com os piores castigos. Esse local foi se modificando em verdadeiras comunidades e cidades.

Percebe-se que as pessoas que estão envolvidas na tradição cultural e ambiental desde os modos de viver, produzir alimentos, artesanatos, vestimentas, conhecimentos ambiental e sustentável Kalunga, são pessoas sábias, que carregam em suas bagagens a diversidade de conhecimentos empíricos. Mas temos nos preocupado com os jovens e crianças que não estão aprendendo esses saberes com os(as) Mestres(as).

Portanto, à medida que a população vai adquirindo os conhecimentos com os mestres(as) e anciãs, as pessoas adquirem outra visão e outro comportamento diante do contexto de sua vivência, com as práxis e preservação dos eventos culturais tradicional e o meio ambiente, reafirmando a Identidade do povo e da comunidade através da memória coletiva e reflexiva.

3.2 Estudos de narrativas e memórias comunitárias

Segundo Cruz (1993), a memória pode ser entendida como processos sociais e históricos de expressões, de narrativas e de acontecimentos marcantes, bem como de coisas vividas, que legitimam, reforçam e reproduzem a identidade do grupo.

Cada grupo social ou pessoa, constrói e reproduz a sua identidade através do apego constante ao seu passado, que envolve aspectos mitológicos, históricos e, principalmente, simbólico-religiosos. A identidade é um processo de assimilação envolvendo pessoas ou grupos, que se manifesta de forma interativa, no âmbito das relações cotidianas, sendo que os aspectos simbólicos, isto é, culturais, são partes constitutivas dessa identidade.

Nesse sentido, a memória é uma herança do passado que se refere, não apenas à vida física da pessoa, mas, também, à memória coletiva. Discorrendo sobre o assunto, Bosi (1995, p. 55), afirma que “(...) na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”. A autora adverte que, ao recuperarmos o passado, ao reconstruirmos nossas memórias, estamos também projetando nosso futuro e alterando nosso presente. Além disso, ressalta ela, que esse processo requer mobilização de diversas naturezas do sujeito que recorda.



Com efeito, existem diferentes elementos da memória, bem como os fenômenos de projeção e transferência que podem ocorrer individual ou coletivamente, mas nem tudo fica gravado ou registrado. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é, evidentemente, o resultado de um verdadeiro trabalho de organização. Pode-se dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente. Quando se trata da memória herdada, podemos também dizer, que há uma ligação muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. A esse respeito, Ecléa Bosi (2003, p.62) afirma que "recordar é sempre um ato de criação". E, como lembra Magalhães (2018),

O narrado e o real são instâncias diferentes – intermediadas pela memória –, mas também complementares. As lembranças têm muito a dizer sobre a história e a identidade de um grupo. Então, o que interessaria à história oral não seria a correspondência exata entre fatos vividos e fatos contados, mas sim o processo de construção com a memória coletiva (Magalhães, 2018, p.151).

Pesquisar a Psicossociologia Comunitária do Quilombo Kalunga Riachão e Tinguizal a partir da história, identidade, cultura e memória coletiva, desde o início de sua formação até os dias atuais, é uma forma de rememorar e, ao mesmo tempo, reconstruir as narrativas comunitárias. É uma forma de ecoar o protagonismo das mulheres Kalunga a partir de seus próprios testemunhos.

Desse modo, ressalto aqui a importância da narrativa testemunhal, a qual ganha o lugar central, enfatizando a subjetividade para o preenchimento das lacunas deixadas pela memória.

3.2.1 Narrativas e Oralidade

Para Magalhães (2018), o triunfo da narrativa não se contém no que ela expõe a respeito dos fatos em si, mas a respeito da percepção sobre esses mesmos fatos. Essas percepções, por sua vez, não permanecem inalteradas. Considerando a capacidade da memória de realizar um processo de autorrevisão, percebemos que seu material é, na verdade, extremamente plástico, alterável. A memória é fruto, portanto, do indivíduo em seu estado atual. Ela “permite uma elaboração subjetiva feita no presente sobre o que foi o passado, mas não revela o passado exatamente como aconteceu” (MAGALHÃES, 2018, p.163). Dessa forma a testemunha oferece uma versão do real, reportando o



exercício da memória, descrevendo os amargos acontecimentos vividos, muitas das vezes, guardados pelo trauma. Sendo assim, é importante incorporar a imaginação na memória traumática; é um bom exercício para superação com uma nova visão e ação.

Acredito que testemunhar algo do passado ajuda a denunciar fatos bons e ruins, tanto do pessoal quanto do coletivo, promovendo uma nova ótica e nova forma de pensar fortalecendo a identidade, a cultura e mostrando novos caminhos para a sobrevivência digna. É importante ressaltar, que a escolha desse trabalho toca, profundamente, em meus afetos, pois é um maravilhoso despertar pesquisar algo do meu pertencimento, da minha origem e existência, me tornando a protagonista da minha história nessa sociedade cheia de contradições, discriminações e machismo. É uma sistematização de forma simples, de linguagem clara e compreensiva, escrita para o mundo e, em espacial, para o meu povo.

Os textos lidos e discutidos nos pequenos grupos e as aulas, agregaram reflexões epistemológicas junto aos processos debates sobre os paradigmas contemporâneos. A Psicossociologia de Comunidades, ao se apoiar nos estudos culturais, promove a reafirmação dos Saberes tradicionais por meio da identidade, cultura e memória.

Entretanto, os conhecimentos ancestrais e memoriais são apreendidos por meio da interação entre as pessoas e o contexto com sua conjuntura, sendo repassado de geração a geração. A memória é de suma relevância na vida humana, pois nos permite reviver e praticar ensinamentos ricos e afetivos, herdados por meio da oralidade e da práxis. No entanto, a memória pode ser individual ou coletiva. Ambas reforçam uma à outra, conferindo mais autenticidade e sentido no bem viver humano.

Nessa trajetória de produções de narrativas, a memória no campo da psicossociologia e Ecologia Social nos ajuda a entender um pouco dos fatos ocorridos no passado e promove uma reflexão coerente no presente/futuro, com a produção de uma nova forma de psicossociologia crítica, construtiva e libertadora, capaz de ir além da aparência e entender a essência da cosmovisão e concepções.

Nesse sentido, ressalto a importância das ocupações tradicionais (COSTA, 2012) e a construção de novas culturas a partir da biointeração (SANTOS, 2015) de um povo em um Território.

A oralidade está na linguagem vernacular de cada sujeito, é o meio de nos relacionarmos e nos comunicarmos uns com os outros na sociedade em que vivemos, a



partir das necessidades humanas. No entanto, o ato de curiar, muitas das vezes, não precisa da voz, e sim de olhos atentos, para promover a memória de algo novo. A observação nos leva além do nosso contexto; olhar e perceber as diversidades pode nos ajudar para leitura e interpretação do mundo.

O Comitê Científico da UNESCO, quando trata da Tradição Viva (UNESCO, 2010), afirma que “a escrita é uma coisa, e saber, é outra. A escrita é uma fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe no ser humano. A herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer e que encontra latente em tudo o que nos transmitiram, assim como o baobá já existe potencial em sua semente”.

Quando falamos da tradição em relação à história africana, referindo-nos à tradição oral, nenhuma tentativa de penetrar a história e o espírito dos povos africanos terá validade a menos que se apoie nessa herança de conhecimentos de toda espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos.

Essa herança ainda não se perdeu e reside na memória da última geração de grandes depositários, de quem se pode dizer que são a memória viva da África. Dessa maneira, podemos refletir e entender melhor, a partir da história africana, a importância da Tradição Viva e sua preservação por meio da oralidade. Mesmo totalmente compreendidos pela escrita desde o seu surgimento, é a oralidade, essa tradição viva, que prevalece na interação e comunicação entre as pessoas, sendo capaz de fazer rememorar as histórias, os saberes e fazeres adquiridos e, ao mesmo tempo, de transmiti-los por meio da vivência.

Para alguns estudiosos, o problema todo se resume em saber se é possível conceder à oralidade a mesma confiança que se concede à escrita quando se trata do testemunho de fatos passados. Nesse sentido, essa não é a maneira correta de colocar o problema e, sim, o testemunho escrito ou oral, o qual firma a veracidade da identidade do homem. Assim, a Tradição Viva é grande escala da vida, a qual recupera os aspectos da vida espiritual e material que não são dissociados.

É importante ressaltar que, a Tradição Viva está internalizada nos seres humanos no que diz a respeito à cultura, identidade e os conhecimentos empíricos que estão memorizados. A memória individual ou coletiva é o primeiro arquivo ou biblioteca do



mundo, pois antes de escrever os pensamentos, o escritor necessitou de consultar sua própria mente e remorar fatos verídicos, com o diálogo secreto para alinhar o registro.

A palavra tem uma origem divina, assim menciona a tradição Bambara do Komo¹, que ensina que a palavra é uma força fundamental.

A fala humana, como poder da criação, se relaciona com o poder do querer e do saber. Em um primeiro momento vem o pensamento, em seguida o som e a fala. A fala, portanto, é considerada a materialização, ou a exteriorização, das vibrações das forças, a qual foi ganhando corpo e forma.

Em suma, a Tradição Cultural africana é um exemplo vivo e de referência para tratar de Tradição Oral e a África, o nosso berço da humanidade, nos apresenta fatos os quais contribuem para entender melhor o surgimento do homem e sua construção da alma e da espiritualidade. A oralidade é o primeiro ato da comunicação e transmissão entre as pessoas. O mais importante é que, por meio da oralidade, todos expressam alguma coisa, e se ela constrói na vivência e a biointeração do contexto local e social.

Entretanto, a Tradição Oral tem sua origem divina e nos traz a sintetização de tudo que existe. A palavra é força e o poder da oralidade é o que promove a comunicação e interação entre os humanos, que foi iniciado pelo criador. Como, agente ativo da magia, pode criar a paz, assim como pode destruir também. Uma palavra maldita pode desencadear uma guerra, do mesmo modo que um graveto pode causar um grande incêndio.

A Tradição africana, portanto, concebe a fala como um dom divino. Nesse sentido, a fala é poder de criação, pois liga a vida e a ação, assim como a interligação da alma e o corpo, e promove a materialização do abstrato para o concreto. É preciso que ocorra entendimentos na fala com veracidade no que é dito, o acordo ou discordância. Surgem do momento que a palavra é lançada, pois vivemos em um universo visível, concebido e sentido como um sinal, a concretização envolvente e onde relaciona os seres vivos e não vivos.

3.2.2 Oralidade e Letramento



A oralidade começa a ter as características de letramento ou oralidade letrada, a partir das vivências humanas. Essas práticas orais vão se constituindo e se acumulando na memória do sujeito a partir da relação que ele estabelece com outras pessoas.

De acordo com Freire (1987), a leitura, na medida em que possibilita uma visão crítica da realidade, constitui-se como importante instrumento de resgate da cidadania, reforçando o engajamento do cidadão nos movimentos sociais de luta pela melhoria da qualidade de vida e pela transformação social. Nessa perspectiva, é importante refletir acerca da educação popular, porque essa educação valoriza, não apenas os povos mais prestigiados, mas contribui para que todos possam ter uma visão crítica, principalmente, em seu contexto social. Sendo assim, Freire (1984) coloca em evidência a importância do ato de ler, de ler o mundo antes de ler a palavra.

A cultura e os costumes de uma sociedade também devem ser considerados como práticas de letramento, pois tanto quanto a escolarização, é importante que, em uma determinada cultura, os ritos sociais sejam valorizados. Afinal, ali está o letramento, evidenciado na transmissão dos ensinamentos tradicionais. Como exemplo, podemos destacar a cultura e rituais das comunidades quilombola Kalunga.

Os conhecimentos ancestrais são atividades humanas concretas que envolvem, não somente aquilo que as pessoas fazem, mas seu fazer a partir do que sabem e do que pensam sobre o que fazem. Também é levado em conta como essas pessoas “constroem” o valor e a ideologia que permeiam esse acontecimento e que estão implícitos a essas ações.

Apesar do predomínio das novas tecnologias de comunicação/informação via *Internet, Twitter, Facebook*, e as pessoas que não tiveram oportunidades de aprender a ler e escrever, mas adquirem suas práticas sociais e habilidades para superar as suas necessidades, tanto individuais quanto coletivas, construindo identidades próprias em escala global e local.

Vale enfatizar que, a oralidade é uma forma de produção e reprodução do saber. São formas de domínios culturais que desempenham um papel marcante na transmissão do saber no contexto das sociedades pós-modernas, e na forma como as sociedades constroem a sua memória coletiva e se reproduzem socialmente.



CAPÍTULO IV

SOBRE OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA



Reza do Divino Espírito Santo (reza popular)

Divino Espírito,
 Hoje venho lhe visitar.
 Também venho pedindo esmola,
 Para repartir com os filho
 Na maior necessidade.
 No Ministro do Cristo
 Tome pra ser abraçado
 No fogo da mãe divina
 Divino consolador,
 Consola as nossas alma
 Quando desse mundo for.
 E com muita alegria
 Os anjos vai nos levar
 Nos pés da virgem Maria.
 Da Baía mandei vim.

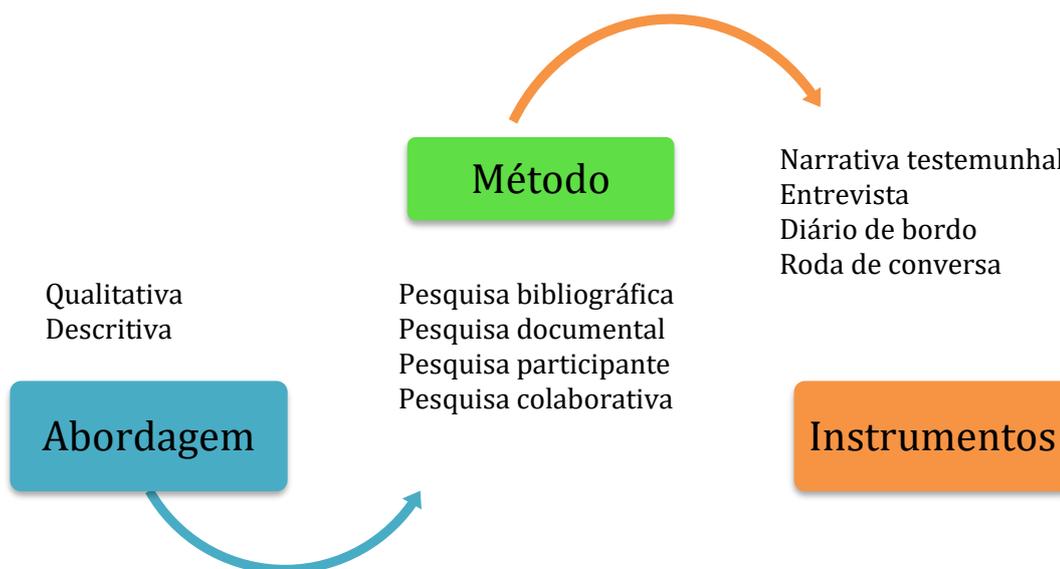
Fala meu boi baiano.
 Num demorar chegar.
 Fala meu boi baiano.
 Uma barquinha de ouro.
 Fala meu boi baiano.
 Pro meu amor passear.
 Fala meu boi baianá.
 Sucupira fulô.
 Fala meu boi baiano.
 Cravo de boa esperança.
 Fala meu boi baiano.
 O homem que eu tanto amava.
 Fala meu boi baiano.
 Mandou muita lembrança.
 Fala meu boi baianá.



Para desenvolvimento deste estudo, visando alcançar os objetivos propostos, foi realizada a pesquisa participante e colaborativa com quatro mulheres quilombolas Kalunga das comunidades Riachão e Tinguizal, mestras dos saberes e fazeres Kalunga a partir das narrativas de vida, memória-histórica e social.

A narrativa testemunhal busca contribuir para o conhecimento de como se deu o processo histórico de consolidação e formação do Território Kalunga, a trajetória e a conjuntura desde as primeiras narrativas transmitidas pelos ancestrais até os dias de hoje. Rememorar os fatos ocorridos do passado é uma forma de compreensão e reflexão do presente e do futuro. Isso nos ajuda para o entendimento, de fato, da nossa própria história enquanto humanos pertencente a essa humanidade. Os procedimentos metodológicos estão demonstrados na Figura 2.

Figura 2: Infográfico sobre os procedimentos metodológicos utilizados no estudo.



Fonte: Elaborada pela autora (2024).

A pesquisa participante teve como estratégia a perspectiva da participação da pesquisadora que, segundo Gil (2008 p.40), “tem como propósito o estudo com as pessoas em seu próprio ambiente mediante a utilização de procedimentos como entrevistas e gravação de vídeos em profundidade e observação participante”. É uma forma de narrar



a própria história partindo do local para o global com a inclusão e envolvimento do contexto e sua realidade.

O procedimento metodológico para realização deste trabalho foi de natureza qualitativa, fundamentado no método descritivo, por meio da roda de conversa, levantamento de documentos, imagens e depoimentos das mulheres com registros no diário de bordo com transcrição das entrevistas e voz das participantes.

Para melhor fundamentar a presente dissertação o principal método é a narrativa testemunhal. Morana (1995) afirma que a literatura de testemunho é como literatura de resistência pois expõe fatos do passado, os quais servem para libertação e superação das dificuldades enfrentadas, com novas estratégias e direção de busca pela dignidade.

Nesse sentido a história de vida expõe a narradora e promove a total interação ao contexto, pois este tipo de ação privilegia os testemunhos, não só os dominantes da escrita, mas também aqueles que fazem uso da palavra e expressão orais, que expressam saberes e fazeres tradicionais como: o bem viver, os cultivos, produções de alimentos, a sobrevivência e criatividade, assim também, como a cultura dos rituais, crenças, danças, músicas, rezas e todos os conhecimentos ancestrais guardados na memória.

O método de História de Vida ressalta o momento histórico vivido pelo sujeito que narra a própria história através do relato individual, resgatando na sua memória as relações sociais vividas em sua trajetória histórica ao longo de sua existência. As histórias de vida cruzadas procedem através da acumulação de registros (Poirier *et al*, 1995). Isso quer dizer que a investigação não se centra num percurso biográfico particular, mas, pelo contrário, o material de estudo é constituído pela acumulação das histórias coletivas, ou seja, é a interligação de vida individual às histórias de vida do contexto de vivência e às relações sociais.

A história de vida é um meio de investigação que valoriza os registros de conhecimentos acumulados na memória. É, pois, um momento em que a pessoa, com suas lembranças, expressa também seus sentimentos.

Sendo assim, a pesquisa qualitativa focou na potencialidade dos aspectos que apresentam fatos da realidade de uma determinada comunidade. Foram revistas as necessidades e, simultaneamente, o qual trouxe a participação das envolvidas no processo de investigação para uma nova construção participativa.



Esta metodologia contribuiu para investigação e análise dos conhecimentos das colaboradoras e autoras a partir da oralidade. Os registros ficam, assim, guardados, não só na memória, mas, também, como uma fonte de pesquisa a ser trabalhada nas escolas do Quilombo e em outros contextos de pesquisa.

4.1 Ferramentas

4.1.1 Oralidade como método

A tradição oral é parte essencial para reafirmação da identidade de alguns povos. No Quilombo, os moradores precisam reacender com frequência as práticas dos Saberes e Fazeres Kalunga, buscando o estímulo de conhecimentos e valorização por meio do conhecimento tradicional perpassado através das gerações. Ressalta-se, nesse contexto, o papel das mulheres anciãs que participam de várias práticas sociais das comunidades tradicionais com os modos de vivências e cultivo dos saberes ancestrais, entre rezas, batismos, danças, contação de causos, e que, mesmo assim, não têm a sua importância reconhecida numa sociedade patriarcal, em que os saberes e práticas das mulheres, geralmente, não são reconhecidos e valorizados em seus meios sociais, econômicos e ambientais.

Portanto, esta pesquisa é uma potente referência pessoal, institucional e social. Mas é, também, uma forma de nos apresentar ao mundo, de dizer de nossa potencialidade, de sermos reconhecidas como pessoas construtores desta nação, reafirmando a nossa origem, existência e resiliência.

4.1.2 O Curiar como método

Curiar é uma palavra comumente utilizada no cotidiano da vida Kalunga. Está relacionada à curiosidade - uma curiosidade atenta e interessada.

Compreende-se sobre a prática do curiar, um método de conhecer algo a partir do ato de observar, o interesse pessoal aquisição de novos conhecimentos, de novas formas de fazer. Sendo assim, o curiar permite também o aprender, o conhecer no silêncio a função de determinada coisa. Portanto, gosto de curiar porque observo, espio, olho e procuro novas brechas para aquisição e atualização de conhecimentos, por meio da tradição viva e da comunicação oral.



Sendo assim, além da escuta atenta nos momentos das narrativas, estão agregadas à dissertação, minhas observações, com olhar atento e interessado, focado no cotidiano da mulher Kalunga - aprendizados advindos desse meu curiar.

É válido dizer que, nesse processo de construção, todas as envolvidas são autoras, pois a oralidade e escrita caminham juntas para o enriquecimento da sistematização dos registros. Dessa forma, a expressão dos conhecimentos empíricos tradicionais está na oralidade de cada pessoa e é preciso o reconhecimento para que valorização e visibilidade para preservação desses saberes e fazeres tão ricos e significativos.

A mulher Kalunga é a base familiar. Está presente em todas as atividades realizadas no Quilombo, desde o plantio, colheita, cuidado do lar, dos filhos, ocupar os espaços para lutar por um mundo mais verdadeiro e justo, principalmente as mulheres que sempre foram vistas como o sexo frágil, inferior ao homem.

A preocupação da dissertação é por uma descrição completa, com o foco na análise, pois é interessada nos aspectos de significado que geram inferências interpretativas; o relato individual e coletivo são de uma situação particular ou grupo social. Creswell (2007) ressalta que uma pesquisa qualitativa pode ocorrer em um cenário natural, e os métodos usados são múltiplos, interativos e humanísticos e que são interpretativos, no âmbito em que o pesquisador filtra os dados através de uma lente pessoal, situada em um momento sociopolítico e histórico específico e, a partir de vários eixos condutores, vai deslumbrando fenômenos holisticamente e com raciocínio multifacetado, interativo e simultâneo.

Reconhecendo a grandeza de possibilidades que envolvem a história oral, consideramos que “desde os primórdios da humanidade, a oralidade tem sido de importância fundamental para a reconstituição da história” (Almeida, 2007, p. 38). Mediante isso, acredita-se que a riqueza de utilizar o método da história oral nesta pesquisa se justifica pela importância de conhecer e registrar a trajetória de vida das mulheres empoderadas da comunidade Kalunga, localizada no município de Monte Alegre de Goiás, considerando a oralidade e tendo em vista que, até o momento, há poucos registros destas histórias.



4.2 Instrumentos

Para as narrativas testemunhais, foram utilizadas ferramentas de gravação de vídeos, individuais e em rodas de conversa. O momento da narrativa conteve algumas questões pontuais, relacionadas aos objetivos da pesquisa, para identificação e compreensão das estratégias de resistência e empoderamento de mulheres negras quilombolas que estão em posição de lideranças, na comunidade Kalunga, município de Monte Alegre de Goiás, Goiás.

Para o instrumento de coleta, foi elaborado um roteiro de entrevista semiestruturada com as mulheres que são lideranças do quilombo. As questões versaram sobre memórias, trajetórias e saberes.

Quadro 1: Roteiro de entrevista com as mulheres líderes quilombolas

Questões	Propósito oculto aos indivíduos da pesquisa
Como descreve sua trajetória de vida e como se tornou líder na comunidade?	Compreender a trajetória de vida das mulheres quilombolas e como tornaram-se líderes.
Quais são as recordações ou memórias que você possui sobre a formação do quilombo Kalunga do Riachão?	Analisar, a partir de traços da memória, como ocorreu a formação do quilombo Kalunga e quais povos ou sujeitos estiveram desde a criação.
O que você entende por tradição Kalunga? E como chegou até nós, quilombolas?	Investigar quais práticas, comportamentos ou atividades são inerentes aos povos quilombolas.
A partir das suas experiências e vivências, o que são os saberes e fazeres Kalunga? E como eles se transmitem?	Compreender quais são os saberes quilombolas que as mulheres dominam e utilizam na comunidade.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

4.3 Colheita de vozes

A “coleta dos dados” foi aqui substituída por “colheita de vozes”, uma vez que não se restringe a simples “coletânea”, mas à colheita de algo que vem sendo



continuamente cultivado. Do mesmo modo, não há sentido em transformar em dados as vozes que me são tão familiares, e às quais pretendo garantir campo de visibilidade.

Foi realizada por meio da narrativa testemunhal livre e temática em encontros realizados presencialmente, com autorização e consentimento das participantes, onde serão registradas as suas memórias e histórias. O recorte temático das narrativas se deu a partir da solicitação para falarem sobre histórias, memórias e saberes Kalunga, bem como as formas pelas quais tiveram acesso a tais conhecimentos, visando identificação do lugar da oralidade.

Além do registro de encontros de narrativas, também apresento a produção da narrativa autobiográfica da pesquisadora como parte do material de colheita. A colheita das vozes foi registrada em cinco momentos.

Quadro 2: Cronograma de entrevistas com as mulheres quilombolas

Data da colheita	Nome da participante	Detalhamento
11/11/2022	Procópia dos Santos 90 anos de idade	Na casa dela das 9h às 10h
13/11/2022	Quita de Souza Ribeiro 55 anos de idade.	Na casa dela das 10h às 11h30
19//11/2022	Lourdes Fernandes de Souza 38 anos de idade	Das 8h às 12h
13/12/2022	Maria Helena Serafim Rodrigues 34 anos	Das 13h às 14h30

Fonte: Elaborada pela autora (2024).

Como observamos, as conversas foram estrategicamente nas casas das mulheres, no sentido de acompanhar as suas atividades cotidianas, bem como, tornar a conversa agradável.

4.4 Sistematização e apresentação da colheita

A organização das vozes, memórias e histórias está sistematizada no Capítulo V, sendo apresentadas por meio de transcrição e/ou citações das vozes ouvidas.



CAPÍTULO V

RESULTADOS E ANÁLISE



Fonte: Acervo da autora

“Sou porque existe nós, somos porque existe eu, você e nós”

Mulheres negras África Kalunga forças e
ternura,
Mulheres matripotências que carregam em
suas memórias a história e existência!
Mulheres guerreiras e de afetos que nutrem,
zelam e pavimentam os caminhos de nossa
existência e ancestralidade.
Mulheres do passado, presente e futuro em
qualquer tempo e lugar onde está com
imenso coração e afeto, seja no lar, na festa,
na roça na colheita ou no plantar tamanha
alegria a amar.
Mulheres mães por natureza, cria e recria
com sabedoria com sentimentos verdadeiros
florescem saberes e fazeres.
Nossa nutrição vem de Deus e
ancestralidade.
De nós pra nós, nada de nós sem nós!



5.1 A definição das participantes da pesquisa

A pesquisa ancora-se na história de vida de quatro mulheres negras empoderadas: Procópia dos Santos Rosa de 90 anos, Quita de Souza Ribeiro 56 anos, Maria Helena Serafim Rodrigues 34 anos e Lourdes Fernandes de Souza de 38 anos, moradoras nas comunidades Quilombolas Kalunga Riachão e Tinguizal.

Essas mulheres têm militado na luta pelos direitos e equidade no quilombo, por meio da história oral e testemunhal, na qual narram seus percursos, o que envolve, desde o sofrido silêncio imposto, historicamente, desde a escravização durante a colonização.

A partir das narrativas, os resultados demonstram que a violência, a discriminação e as desigualdades não foram capazes de calar essas mulheres, que nunca deixaram de lutar por sua liberdade e, atualmente, lutam por igualdade e melhores condições de vida, organizando-se em movimentos sociais, onde vêm enfrentando o racismo, sexismo e outros tipos de discriminações. Mas, aos poucos, vêm conseguindo ter voz para vencer alguns obstáculos, lutando incansavelmente em prol dos direitos dos povos de sua comunidade. Diante disso, percebe-se que é necessário promover ações voltadas para o fortalecimento, valorização dos saberes e fazeres tradicionais e o incentivo do protagonismo das mulheres remanescentes de quilombos, no caso do recorte dessa pesquisa, daquelas situadas no município de Monte Alegre de Goiás.

Figura 3: Rainhas negras Kalunga em seu sagrado lugar.



Fonte: Acervo da autora (2024).



5.2 Colheita de vozes: lançadas como sementes, colhidas como frutos

A presente pesquisa se propõe a trazer os relatos orais das mulheres mestras dos saberes e fazeres, adquiridos ao longo de sua existência, passados de mães para filhos. Ressalta a importância da oralidade para a sustentabilidade, a sobrevivência, a valorização e a preservação da cultura local que, de alguns anos para cá, está sendo esquecida pelos moradores, principalmente pelos jovens, influenciados pela indústria cultural, com a chegada das tecnologias na comunidade. Essa é a nossa bandeira de luta. Por esse fato, percebe-se um desencaixe, exemplo de modernidade tardia (Giddens, 1991), pois esses jovens têm suas escolhas, não querem participar e nem têm interesse em aprender esses saberes, parte da tradição cultural em que vivem: rezas, folia, Sussa, batizado, casamento na fogueira e outras práticas exercidas pelos mais velhos. Isso traz muitas preocupações, porque os mais velhos, as pessoas que sabem e praticam esses saberes, estão morrendo. Esses saberes, com o passar do tempo, podem desaparecer da cultura local.

Além da transcrição, com fidelidade e responsabilidade, desses conhecimentos do oral para o escrito, este trabalho também é um documento de referência para o povo Kalunga, uma tentativa de ressignificação e valorização a partir da escola, fortalecendo a relação escola/comunidade, dando a oportunidade para o desenvolvimento social, com respeito e preservação da cultura local e linguística.

É importante ressaltar, que o processo histórico do povo Kalunga se deu com configuração e consolidação do quilombo, materialização com a processo histórico do Brasil. No entanto, cada grupo social adquire uma maneira própria de viver e se comunicar, desenvolve seus conhecimentos e habilidades no contexto em que vive, relacionando um com o outro, superando as dificuldades e construindo sua história e identidade. Por isso, cada morador se tornou protagonista de sua história, juntamente com a história do Quilombo. É fundamental que se conheça a realidade social, econômica e ambiental na qual a Comunidade Kalunga-Riachão se insere.

A pesquisa expõe como essas mulheres se inscreveram no espaço público e se tornaram referências para outras mulheres quilombolas que ainda esperam poder viver uma realidade distinta da vivida até o momento, face à desigualdade histórica que impera no país, motivo pelo qual ganham a centralidade nessa pesquisa.



A história oral enfatiza que as narrativas devem ser compreendidas a partir do entendimento de que a linguagem é constitutiva da prática social, o sujeito se faz existente na narrativa, a linguagem sempre é ativa.

Desse modo, ressalto aqui a importância da narrativa testemunhal, a qual ganha o lugar central enfatizando a subjetividade para o preenchimento das lacunas deixadas pela memória. Para falar dessas mulheres potentes é preciso entender o lugar de fala de cada uma delas e o contexto de vivência.

a) Iaiá Procópia: a matriarca

Para inaugurar as narrativas, convidamos a nossa matriarca Procópia dos Santos, de 90 anos, moradora da Comunidade Quilombola Kalunga Riachão.

Procópia dos Santos Rosa, popular Iaiá Procópia, tem 90 anos, nasceu em 10 de fevereiro de 1933 na comunidade Kalunga Riachão, onde vive com seus familiares até os dias de hoje. Filha de Maria dos Santos e Manoel Pereira, mãe de dois filhos, Domingas dos Santos Fernandes e Léo Fernandes dos Santos, tem 12 netos, mais de 60 bisnetos e mais de 15 tataranetos.

Segundo relatos de Iaiá Procópia, seus pais, avós e tataravós nasceram, viveram e morreram no Quilombo. E contaram para ela que seus familiares ancestrais também nasceram, viveram e morreram no Quilombo. Todas as gerações passaram muitas dificuldades e sofrimentos.

Não há uma data exata do dia da fundação, mas se sabe que existe há mais de 350 anos, nesse lindo lugar onde, por muitos anos, foi um lugar de esconderijo, no qual foram reconstruídas novas vidas com heranças carregadas de histórias, lutas e sofrimentos. Hoje é um símbolo sagrado, de luta e superação, parte desse país que busca a equidade social, cultural e econômica para todos os moradores. No Quilombo, o crescimento da população se deu com as poucas famílias que existiam na época. Os moradores não tinham interações com pessoas de fora, mas assim entre poucas pessoas, se fixaram e reconstruíram novas vidas que, hoje, são o povo Kalunga.

Naquele tempo, o trajeto era muito difícil, de modo que tudo era produzido, adquirido e resolvido sem ir às cidades. O sustento era tirado da roça de toco, organizado pela agricultura familiar, as roupas produzidas de algodão, fiado na mão e tecido no tear.



Os nascimentos das crianças eram em casa, com parteiras e os remédios das plantas medicinais caseiros. As pessoas eram sábias, criativas, corajosas e de muitas crenças e fé nas divindades.

Umas das lutas enfrentadas pelos moradores das comunidades do Quilombo Kalunga desde o início de trajetória, era a luta pela terra e pela permanência nela. A falta de infraestrutura no Quilombo, começando pelo acesso de estrada e, logo, educação escolar, moradias; as pessoas viviam com o isolamento e esquecimento governamental. Essas pessoas não tiveram oportunidades de acessar os direitos humanos, os benefícios e, nem mesmo, de serem alfabetizados. Na época, tudo era difícil e sem oportunidades. Muitos dos mais velhos não conheceram hospitais e nem cidades.

Iaiá Procópio, aos 90 anos, possui uma carga de Múltiplos Letramentos memoriais. É considerada uma biblioteca viva, narra sua história de vida e todo o processo de biointeração na formação do Território Kalunga. É importante ressaltar, que a história de vida de Iaiá Procópio está internalizada no processo histórico do Quilombo e ambos se expandem ao mundo com veracidade, com história partida do local para o global.

Figura 4: Iaiá Procópio



Fonte: Acervo da autora (2024).



Em 2017 Iaiá Procópio foi convidada a dar aulas no Encontro de Saberes da UnB, ocasião na qual eu (Lourdes Fernandes, Bia Kalunga) tive oportunidade de acompanhá-la como sua neta e aprendiz.

Figura 5: Eu e Iaiá no Encontro de Saberes da UnB - foto na biblioteca do INCTI.



Fonte: Acervo da autora (2024).

Em 2019 inauguramos o Museu Iaiá Procópio, na sede da Comunidade Riachão, ao lado de sua casa e com recursos próprios. O museu é cuidado, mantido e alimentado por mim, sua neta, Bia Kalunga. Nesta mesma época, lancei o livro "Iaiá Procópio: memória e resistência Kalunga", em colaboração com o INCTI/UnB e a UFRJ.

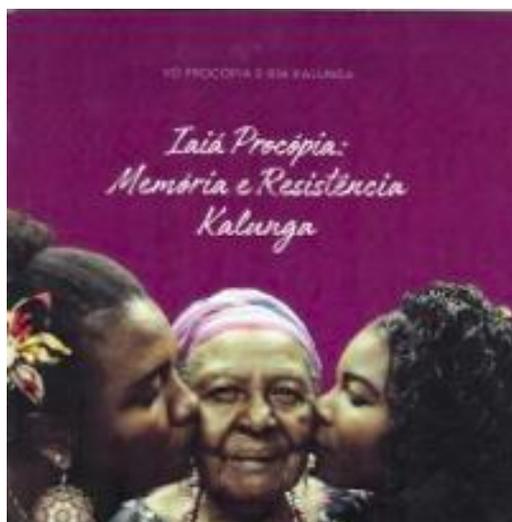


Figura 6: Museu de Procópio



Fonte: Acervo da autora (2024).

Figura 7: O livro de Iaiá



Fonte: Acervo da autora (2024).



Em 2005 Iaiá Procópio foi indicada ao prêmio Nobel da Paz, quando concorreu com mil mulheres mundialmente e no qual foram selecionadas 52 mulheres brasileiras.

Em 07 de dezembro de 2022 foi diplomada Doutora Honoris Causa da Universidade Estadual de Goiás – UEG, um marco histórico em sua própria comunidade, o qual reuniu mais de dois mil pessoas com transmissão em rede nacional.

Figura 8: Doutora Honoris Causa



Fonte: Acervo da autora (2024).

O título foi concedido em reconhecimento às lutas e conquistas de Iaiá Procópio e outras lideranças em defesa dos direitos humanos e à permanência no Território.



b) *Quita: a raizeira e rezadeira da comunidade quilombola Riachão*

Dando seguimento às nossas participantes, buscamos a narrativa da Senhora Quita de Souza Ribeiro, de 55 anos.

Quita é minha mãe, e é nora de Iaiá Procópia.

Figura 9: Quita de Souza Ribeiro



Fonte: Acervo da autora (2024).

Quita de Souza Ribeiro é filha de agricultores, Januário de Souza Ribeiro e Fulgência Pereira das Virgens.

Por meio da vivência com seus familiares e com os moradores, aprendeu os Saberes e Fazeres da tradição Kalunga.

Hoje se destaca como uma grande Mestra rezadeira, raizeira, benzedeira e, com seus múltiplos conhecimentos, ela atua com seus ensinamentos e atendimentos a quem precisa.



Figura 10: Quita e a mesa de raízes



Fonte: Acervo da autora (2024).

Inicialmente, narra sua história de vida; em especial, como ela aprendeu esses conhecimentos com as plantas medicinais, retirando da natureza Kalunga sem degradar o meio ambiente, ensinamentos repassados pelos mais velhos e que estão preservados.

Na figura 10, ela apresenta os produtos feitos retirados das plantas medicinais Kalunga que se utilizam, até hoje, na prevenção de doenças como; gripe, bronquite asmática, febre, infecções etc. As cascas são usadas para garrafadas, xaropes e para tomar como chá. Vale dizer, que a senhora Quita tem uma mistura de índio com negro, pois sua bisavó era índia foi pega com cachorro domesticada que se casou com um negro seu bisavô. Aqui está trechos de sua fala com a preservação da oralidade e o modo falar Kalungueiro.



c) Lourdes Fernandes de Souza - Bia Kalunga

A terceira voz que apresento é a minha voz: Lourdes Fernandes de Souza, Bia Kalunga, da comunidade Quilombola Kalunga Riachão. Mãe, professora e liderança. Como de costume, descortino essa participação apresentando-me. Me chamo Lourdes Fernandes de Souza, conhecida por Bia Kalunga. Tenho 38 anos, nasci, cresci e resido na Comunidade Quilombola Riachão, no município de Monte Alegre de Goiás. Sou mãe de 3 filhos: Uriel, Uigme e Luara - melhores presentes de Deus! Sou filha de agricultores: Leo Fernandes dos Santos e Quita de Souza Ribeiro.

Figura 11: Lourdes Fernandes de Souza



Fonte: Acervo da autora (2024).

Aos doze anos fui para a cidade de Campos Belos dar continuidade aos meus estudos no Ensino Fundamental. Lá, eu morei durante sete anos, morando e trabalhando em casa de família. Aos dezoito anos fui para Brasília, trabalhar, e lá concluí o Ensino Médio. Logo após, retornei para o Quilombo e comecei a trabalhar como professora na



rede estadual de Educação, em 2007. Iniciei uma graduação em curso particular pela UNITINS, no polo Campos Belos de Goiás. Mas, devido à minhas condições financeiras na época, e aos gastos com despesas e viagens, desisti. Entretanto, com fé e esperança continuei trabalhando. O meu sonho era cursar o Ensino Superior. Em 2010 fui informada pelo professor Rosolino Neto sobre a oportunidade do curso de Licenciatura em Educação. Fiz a inscrição com ajuda e orientações do professor. Hoje tenho a honra e alegria de tê-lo como meu amigo e da minha família.

Sou graduada em Licenciatura em Educação do Campo, pela Universidade de Brasília-UnB, com especialização em Língua Portuguesa Aplicada ao Ensino Básico-UnB. Fiz também a especialização em Educação do Campo na Universidade Federal de Catalão-UFCAT. Agora, estou concluindo o mestrado no programa EICOS da UFRJ, no curso de Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social.

Sou uma mulher que sonha, apresento uma grande história de luta e superação; minha luta é pelos direitos para todos, pelo respeito à diversidade e pela elevação da autoestima da mulher Kalunga. E meu desejo é de ver o povo negro e Kalunga liberto de qualquer tipo de opressão-

Sou ex-vice-presidente da Associação Mulheres do Quilombo Kalunga. Membro efetivo da Academia de Letras e Artes do Nordeste Goiano, ocupo a cadeira 48 do patrono Abdias Magalhães Ornelas. Administradora do Ponto de Memória Museu Iaiá Procópia, liderança, criadora do grupo de dança sussa Raízes do Baobá e membro da Associação Quilombo Kalunga – AQK.

É importante ressaltar, que tudo o que sei hoje, aprendi com meus familiares e com a biointeração no contexto de vivência. Ser mulher e negra quilombola, é o que me identifica o meu ser Kalunga, pois minha origem veio da AFRICAKALUNGA. Nasci, cresci e moro em uma comunidade chamada Riachão, localizada entre serras e vãos. Entrei no barco das lutas ainda no ventre da minha mãe. Levei um tempo para entender, de verdade, a história de sobrevivência e resistência do meu povo, ou seja, a minha história, pois carregamos em nossas bagagens uma herança do passado, impregnada por memórias de tristeza, raiva, reflexão, conquistas e alegrias.

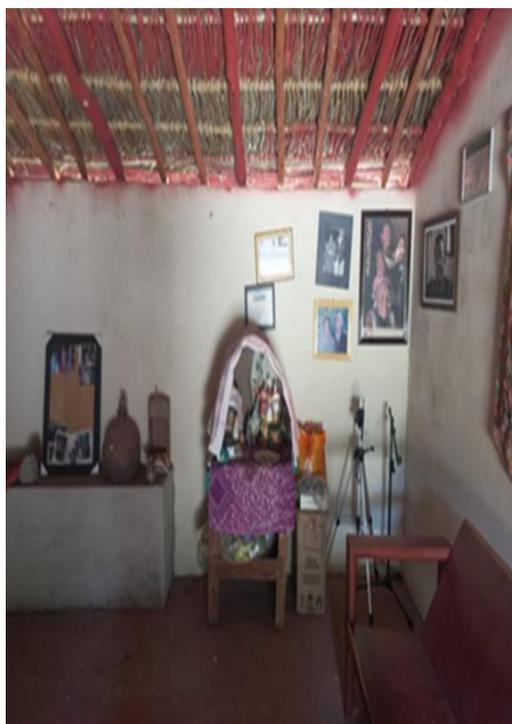
O Quilombo Kalunga para mim, é um lugar sagrado, de um povo de uma tradição cultural forte e peculiar, com fé, esperança, coragem e visão de mundo. As lideranças



mais velhas, mesmo sem saber ler e escrever, enfrentaram e abriram caminhos, superando os desafios e opressões. Entretanto, vivemos em uma nação formada sem pensar com uma herança da cultura universal onde temos leis no papel, mas que, na prática, ainda falta muito para valer. Nesse contexto, é necessária uma psicossociologia local, que nos leve à reflexão de uma nova forma imediata na intervenção da realidade atual.

A imagem da figura 12 apresenta as minhas expressões, sentimentos, gratidão e amor pela localidade e população.

Figura 12: Capelinha de festejo, dentro do Museu Iaiá Procópio



Fonte: Acervo da autora (2024)

Ao falar do Quilombo Kalunga sinto tantas emoções... pois a minha história está internalizada na História e Memória do Território. É um lugar onde vivo e revivo as lutas e conquistas com meu povo, em busca de igualdade de direitos, liberdade e dignidade.

A tradição Kalunga para mim é um conjunto de conhecimentos no que diz respeito à identidade, memória, história, que chegou até a geração atual por meio da vivência e da oralidade. Em síntese, os Saberes e Fazeres Kalunga são os conhecimentos empíricos tradicionais que podem ser transmitidos com as práxis orais. O modo de viver, ser e



fazer do povo Kalunga tem sua particularidade. Oriundo da etnia negra a nossa história nasce no berço africano.

Ser Kalunga é ser resiliente, persistente enfrentando diariamente os desafios permanentes por ser negra, mulher e quilombola, lutar contra a ideologia dos opressores para ocupar os espaços e ecoar aos cantos desse mundo que somos descendentes de seres humanos e que podemos ser protagonistas da nossa própria história.

Nesse sentido, é preciso narrar a nossa história a partir da realidade local com a visão de mundo e veracidade. E, pesquisar a Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social da Comunidade Kalunga Riachão, a partir da história, identidade, cultura e da memória coletiva na contemporaneidade, é uma forma de rememorar, coletar com humildade parte de acontecimentos reais da biointeração local, pessoal e social.

Entretanto, as lutas do povo Kalunga surgem das necessidades emergenciais no contexto, e a educação formal é ponto crucial para o avanço e superação nas demandas e posicionamentos em defesas dos direitos de igualdades. O processo de escolarização, nasceu e decolou; e hoje, 90% de professores Kalunga tem graduação, especialização, mestrado e doutorado e são atuantes em sala de aulas no processo de mediação ensino-aprendizagem na Educação Quilombola Kalunga.

Atualmente atuo como diretora do Colégio Estadual Quilombola Kalunga II, com uma sede e oito escolas extensões. Meu objetivo maior é trabalhar por uma Educação Quilombola Kalunga equânime e libertadora.



Figura 13: Trabalho coletivo com os professores quilombolas Kalunga



Fonte: Acervo da autora (2024).

d) Maria Helena - Tuya: a estilista Kalunga

Apresento agora, Maria Helena Serafim Rodrigues, que tem 34 anos e nasceu na comunidade Quilombo Tinguizal, no município de Monte Alegre de Goiás. É mãe de 4 filhos e avó de uma neta.



Figura 14: Maria Helena Serafim Rodrigues



Fonte: Acervo da autora (2024).

Filha dos agricultores, Anita Pereira da Silva e Ozilton Serafim Rodrigues. Foi para a cidade estudar e retornou para sua terra natal para trabalhar como professora. É graduada em Licenciatura em Educação do Campo, pela Universidade de Brasília-UnB, com especialização em Língua Portuguesa Aplicada ao Ensino Básico - UnB. Mestranda em sustentabilidade Mespt -UNB.

Ela é uma mulher que sonha, apresenta uma grande história de luta e superação, mostra através da sua fala o desejo de ver o seu povo liberto de qualquer tipo de opressão, inclusive a elevação da autoestima da mulher Kalunga. Ex-presidente da Associação Mulheres do Quilombo Kalunga, é conhecida popularmente por Tuya Kalunga.

É estilista autoral, criando modelos e designs inspirados no modo de viver Kalunga.

Atualmente, atua como professora na rede Estadual da Secretaria de Educação, é uma liderança na comunidade, Conselheira da AQK e criadora do coletivo Tuya. Esse coletivo é composto por mulheres jovens e adultas que se reúnem em um barracão construído ao lado da casa de Maria Helena para produzir peças de roupas com estilo



Kalunga, buscando preservar os modelos de roupas ancestrais. Promove e valoriza as mulheres quilombolas e a cultura local por meio do resgate das vestimentas e, também, dos saberes e fazeres Kalunga.

5.3 É tempo de colher o que foi plantado: narrativas das guerreiras quilombolas

5.3.1 Com a palavra, as Kalungas

As trajetórias de vida e a experiência de ser liderança na comunidade

Iaiá Procópia:

Eu me chamo Procópia dos Santos Rosa. Nasci aqui no Riachão. Minha mãe, minha vó e os meus filhos e netos, tudo nasceu aqui. Eu nunca saí da comunidade. Já morreu todo mundo da minha família, mas eu estou *pregistindo* com meus filhos e netos aqui.

As nossas coisas foi sofridas demais, não tinha intimidade com cidade, ninguém ia na cidade. Dinheiro era difícil, nós vivia fiando, e indo pra roça - tudo produzia aqui.

Quando deu pra ir pra cidade era pra comprar sal, café e o metrinho de pano. E quem ia era os homens.

Olha, eu nasci aqui, mas fui criada na comunidade Kalunga São Pedro, porque a família de minha mãe era de lá. A velha Ana, minha tia, tudo morava lá, porque se casou da gente de lá!

Ser liderança, olha, por que aconteceu isso comigo, foi o milagre de São João Batista. Porque veio a Dona Meire no festejo da comunidade Sucuri, e com a chegada dela que começou o primeiro projeto Kalunga, que foi Povo da Terra. A primeira Associação com a representação na diretoria era Januário, Santina, Santos e demais lideranças (Procópia).

Dona Quita:

Eu me chamo Quita de Souza Ribeiro, nasci na comunidade Vão de Almas, município de Cavalcante. Tem 40 anos que moro na Comunidade Kalunga-Riachão, município de Monte Alegre de Goiás.

Sou Kalunga quilombola, me dedico aos saberes e fazeres Kalunga, tudo que veio dos mais velhos. Tudo que aprendi foi com os mais velhos e familiares. Eu sei fiar, rezar, sei fazer benzimentos em crianças com quebrante, faço casamento na fogueira, faço xaropes e garrafadas com as plantas medicinais.

Acho muito importante as atividades da nossa cultura.

Tuya Kalunga (Maria Helena):

Meu de registro civil é Maria Helena Serafim Rodrigues, popular Tuya Kalunga. Moro na comunidade Tinguizal, município de Monte Alegre de Goiás.

A Tuya é uma menina, assim com muitas meninas Kalunga, que se tornou uma mulher que, hoje, além de vir da sua ancestralidade, com raízes fincadas nesse Território, a Tuya vem de base familiar, que tem uma construção histórica de uma comunidade. Tuya é a forma que minha família e todos os moradores que me conhecem, me chamam.

A Tuya nasce e cresce em um convívio de luta pelo Território de luta histórica pelo ensino-aprendizagem. Então a Tuya vai trilhando caminhos dos saberes e fazeres da comunidade, mas, ao mesmo tempo, buscando novas aprendizagens fora dela também. Então, a Tuya vem dessa construção, tanto do território, quanto da comunidade Tinguizal. E, principalmente, a



Tuya é a construção dos significados dos nomes carinhosos que davam às crianças naquela época ... então a Tuya é um nome de comunidade, e que teve aceitação por mim, após eu ter conhecimento que o nome não era pejorativo. Por muitas vezes, as pessoas terem apelidos para mim, penso que é uma forma carinhosa de me chamar.

Como percebemos nas falas, a trajetória dessas mulheres nos revela diversos elementos que dialogam entre si. Inicialmente, percebemos que estamos diante de três gerações de mulheres negras e quilombolas. Após isso, fica evidente que o reforço de não sair da comunidade e ter os filhos e netas nessa comunidade, evidencia o que Baiocchi (1996), têm enfatizado em suas escritas, estes indivíduos, por séculos, viveram e sobreviveram dos seus conhecimentos e da interação com a natureza. Todavia, se observarmos os últimos dois relatos, percebemos que, com o advento da globalização e a busca por novas condições, mesmo que precárias, algumas mulheres conseguiram migrar para outros território, para aprender com a branquitude os aspectos ortográficos, para voltar ao território e defender-se das investidas posteriores.

Os moradores produziam seus alimentos e eram feitas trocas entre as comunidades, pois a cidade era longe e de difícil acesso. Então, havia trocas diárias de alimentos e de mão de obra que foram importantes atividades para socorrer a necessidade de cada grupo da comunidade. Com efeito, as roças de toco tiveram um importante papel na vida destes sujeitos, pois era a partir delas que as produções de alimentos eram produzidas; e eram nestes espaços, em meio ao trabalho, que diversos conhecimentos foram transmitidos a partir da oralidade.

No que tange aos conhecimentos constituídos a partir da oralidade, não podemos esquecer que são seculares e necessários. As narrativas praticadas e as trocas em diversos contextos socioculturais contribuíram de forma significativa preparando as mulheres para viverem. Se observamos a figura masculina e a divisão do trabalho também acontece, no entanto, as mulheres passaram a assumir papéis que, até então, eram assumidos pelos homens. A escolha do local para plantar, o trabalho de casa, a luta por terra e escola, partiram dessas mulheres, que enxergam no quilombo muito mais do que atraso, como em muitas literaturas essas estruturas são retratadas. Percebemos que estas mulheres se tornaram lideranças, à medida em que a luta e a busca por transformações no território foram necessárias. No entanto, as transformações sempre foram materiais e não imateriais, isto é, a luta por um quilombo ressemantizado e com condições de



sobrevivência. Com efeito, resumimos as falas das mulheres no esquema apresentado na figura 10.

Figura 15: Narrativas e conexões com o território quilombola Kalunga



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Entendemos que o quilombo e o território são essenciais na construção da identidade dos povos quilombolas. Em uma das falas evidencia-se que o território é o quilombo e o quilombo é o território e, para além disso, o sujeito está no território e o território faz parte do sujeito. Não podemos esquecer que na população quilombola, o território ganha um novo significado, o de pertencimento “[...] já que se constitui como instrumento que mantém a coesão social do grupo, permitindo a sua reprodução, como também a preservação da cultura, dos valores e do modo particular de vida dentro das comunidades (Nascimento; Batista; Nascimento, 2016, p. 433).

O território, não se restringe somente ao campo de entendimento da afirmação da identidade, mas apresenta-se também como instrumento de compreensão do movimento de etnicidade e da luta pelo direito agrário, que visa à ação política transformadora contrária à —lógica capitalista no uso e apropriação da terra. Assim, a luta pela terra é uma das estratégias utilizadas por estes sujeitos e que garante a existência desses, enquanto quilombola (Malcher, 2006, p. 4).

O território na luta e na trajetória de cada mulher quilombola, se torna necessário para a consolidação da identidade etnocultural e a para a busca por mais espaço nessa



sociedade patriarcal. Na comunidade, as mulheres são quem assumem esse papel importante de luta e busca por benefícios, seja nas associações, escolas e outros espaços.

Portanto, neste tópico percebemos que a trajetória das mulheres negras, seja das que permaneceram apenas na comunidade ou daquelas que saem para estudar e retornam à comunidade, não retirou das mulheres o papel de liderança. Elas assumem este papel como consequência da ausência de escola de qualidade e no território, de oportunidades, acessibilidade e políticas públicas.

5.3.2 Memórias da formação do quilombo Kalunga

A memória é um importante artefato na luta dos grupos intitulados como minorias. Mas onde estão essas memórias? Estão presentes na luta por uma escola dentro da comunidade, nas rodas de conversas, nos ensinamentos aos mais jovens, em relatos, fotos e todos os tipos de expressões e manifestações sociais. Nesse sentido, ao revisitar a memória a respeito do quilombo, nos deparamos com relatos como o de Quita:

Uai, o Quilombo Kalunga surgiu com os mais velhos... Quando nasci meus familiares já moravam aqui. Cresci ouvindo história com meus familiares... Na verdade, a gente nem sabe uma data certa quando os antigos vieram parar aqui. Sabemos que veio do período da escravidão que trouxe os escravos da África.

Sei que somos negros descendentes de africanos misturados com índios. A minha bisavó foi pega com cachorro, era índia da etnia Avá-Canoeiro, por isso nasci com essa mistura. Aqui vivia muitos índios, tinha uma aldeia deles aqui perto, mas com o passar do tempo eles foram sumindo e hoje ninguém vê mais.

Olha não sei quantos anos o Kalunga tem mesmo, mas sei que tem muitos séculos. O primeiro Projeto Kalunga foi em 1980 com a Associação Povo da Terra, um projeto que deu o reconhecimento oficial de nós, aqui. Foi a dona Mari Baiocchi a primeira antropóloga a relacionar diretamente e realizar esse trabalho.

A dona Meire abriu caminhos juntos com os velhos até chegar nos dias de hoje. Aqui não tinha estrada, energia, escola... As casas eram todas de palha. Ninguém conhecia cidade. A primeira escola foi feita de palha em 1991, tudo carregado no lombo do burro e de barco (Quita).

No Tinguizal, outra comunidade do Quilombo Kalunga, a história é bem mais recente, mas o processo não foi muito diferente, como narra Tuya:

Eu, minha mãe e minha vó, juntamente com meus tios, somos uns dos novos povoadores da comunidade Tinguizal pelo processo de roça. elas moravam na comunidade Vão de Almas morou na comunidade Riachão, mas tinha o plantio com roça na comunidade Tinguizal, que era chamado de Saco. Por que o nome saco? Porque tem uma forma de saco e também carregava os seus alimentos em saco, buracas e outros utensílios da cultura. E com o passar do tempo eles decidiram ficar morando na comunidade e foi se estruturando até chegar como está hoje (Tuya).



A memória é uma das maneiras ou capacidades que o ser humano tem de reconstruir fatos ou de lembrar trajetos ou percursos nos quais vivenciamos e experienciamos diversos momentos da vida. De acordo com as narrativas, a formação do quilombo se deu a partir de um conjunto de indivíduos que, buscando refúgio, encontraram nos vãos e serras locais para produzirem e se protegerem das violências do mundo externo.

Em busca de resistência e sobrevivência, os vãos também eram habitados pelos povos indígenas que, aos poucos, foram inteirando com os quilombolas que ali habitavam. Com relação aos povos indígenas, “não tinham muita confiança de se aproximar dos quilombolas. Até hoje, as histórias dos mais velhos contam que só conheciam a presença dos índios porque, de noite, ouviam no mato barulho de assovio ou da gaita feita de bambu com furinhos que eles tocavam” (Brasil, 2001, p. 23).

As narrativas enfatizam que os quilombolas do Riachão têm ligações com os Avá-Canoeiro, no entanto, sabemos que são mais, visto que, desta época, foram localizados registros também dos “Acroá, Capeuxi, Xacriabá, Xavante, Kaiapó, Karajá” (Brasil, 2001, p. 20), que viveram por todo o território goiano.

Com relação ao território, torna-se evidente que a idade exata da sua formação é desconhecida, mas pelos fatos e narrativas, estima-se que são mais de 200 anos.

Kalunga não se formou só em contato com os índios, naqueles primeiros tempos. Mais tarde, houve outros negros que foram viver naquela região. E eles acabaram por se juntar com os descendentes dos quilombolas fugidos dos garimpos de Goiás. Quem eram esses negros? Eram os que, no século XIX, se mudaram para aquelas serras e ali foram abrir fazendas ou viver em pequenos sítios, quando a mineração decaiu. No vale do Rio Paranã já existiam algumas fazendas de gado desde o século XVIII. Naquela época, com a riqueza trazida pelo ouro, os fazendeiros podiam comprar novas terras e aumentar o seu rebanho e assim essas fazendas foram se espalhando pelo vale (Brasil, 2001, p. 24).

No entanto, a visibilidade e a descoberta desse povo para o mundo surgem a partir de 1980 com os estudos e investigações de Baiocchi. Como afirmam as narrativas, o Kalunga, isto é, o Riachão e as demais comunidades deste núcleo, não tinham estradas, escolas e acessibilidade, o que reforça o descaso dos poderes públicos com essa população, que após a abolição sofreu com o apagamento e a tentativa do



embranquecimento em território nacional. A falta de políticas públicas, assistência social e demais ferramentas em prol destes povos não é aleatória; é uma política desumana.

Todavia, com os conhecimentos a partir dos povos indígenas, africanos e demais povos, o povo quilombola resistiu e sobreviveu, o que acarretou demais núcleos familiares. Como é o caso da comunidade Tinguizal, que teve início a partir de outras famílias que precisavam de locais para o plantio. Se observarmos os nomes dos núcleos, eles têm forte ligação com o ambiente e com as experiências de vida destes povos antigos.

É preciso prestar atenção nesses nomes. Você já reparou no que eles querem dizer? Ou pensou no que eles podem nos ensinar sobre o povo Kalunga? Inicialmente, esses nomes falam das coisas da natureza e da relação do homem com a natureza. Assim são os nomes de serras, ribeirões e córregos do território Kalunga, e assim também são os nomes dos lugares. Todos eles falam da terra e das águas, dos bichos e das plantas, de tudo aquilo que é essencial para a vida do homem e que torna mais fácil ou difícil sua sobrevivência. E eles nos ensinam que isso é muito importante para o povo Kalunga. Querem ver? O que quer dizer Riachão, Boqueirão, Volta do Canto, Córrego Fundo, Olho d'Água, Lagoa, Funil? São nomes que descrevem o jeito dos rios, córregos e riachos, suas curvas, seus remansos, lugar onde a água brota, onde ela é represada, lugar onde o rio se estreita, apertado. E Terra Vermelha, Brejão, Vargem Redonda, Vargem Grande, Pedra, Ouro Fino? São nomes que falam de terra boa e terra ruim para o plantio, das baixadas da beira dos rios, do terreno pedregoso que está sempre presente, do metal valioso que a terra dá. E o que são esses nomes, Tinguizal, Gameleira, Buriti Comprido, Palmeira, Taboca, Bananal, Limoeiro, Mangabeira? São nomes de plantas da terra, local onde cresce a árvore franzina e forte do cerrado, nomes de árvores frondosas ou elegantes, do bambuzal e das plantas que assim, *devagarinho*, o povo Kalunga foi se estendendo pelas serras dão fruto e são alimento. E Sucuri, Ema, Porcos, Rio dos Bois, do Leite, Bezerra? São os bichos da terra, a cobra grande, a ave do cerrado, os bichos da casa que ajudam o trabalho do homem e o alimentam. Por fim, no que se pensa quando se ouve falar em Mocambo, Fazendinha, Engenho, Capela? Em lugares de moradia, trabalho e oração (Brasil, 2001, p. 28).

Os nomes das comunidades ensinam que os quilombolas Kalunga de fato têm a terra, o território e a memória como elementos essenciais para construção da sua identidade territorial e social. Ratificando o que inferimos anteriormente, não é possível discutir a complexidade do quilombo sem o conceito de território. Sem delongas, desde a origem, o território nasce de duas conotações, a simbólica e a material. Etimologicamente, “[...] terra-territorium quanto de terreo-territor (terror, aterrorizar), ou seja, tem a ver com dominação (jurídico-política) da terra e com a inspiração do terror, do medo – especialmente para aqueles que, com esta dominação, ficam alijados da terra, ou no “territorium” são impedidos de entrar” (Haesbaert, 2014, p. 1). O território tem a



ver com poder, não a qualquer poder, mas relacionado ao usufruto e apropriação (Santos; Ferreira; Moreira, 2024).

Por entender que cada território desenvolve sistemas, relações e negociações, ao pensar na constituição da identidade territorial-cultural quilombola Kalunga não é diferente. Território, identidade e cultura estão intimamente ligados, já que “a construção do território produz uma identidade e a identidade produz o território, este processo é produto de ações coletivas, recíprocas, de sujeitos sociais” (Malcher, 2006, p. 3).

5.3.3 Tradição Kalunga

A tradição Kalunga são as festas, as rezas, as brincadeiras, as folias, os saberes da cultura que vieram dos mais velhos. Quando entendi por gente, já tinha tudo. É o modo de viver dos mais velhos e que existem até hoje; o modo de plantar roça, produzir os alimentos, pescar, fazer as casas... Tudo que foi ensinado pelos os mais velhos.

Temos os festejos grandes, que são: festejo de São João Batista na comunidade Sucuri, tem o festejo de Nossa Senhora da Badia, que fica no Vão de Almas e Nossa do Livramento, e tem o São Gonçalo, que fica no Vão do Moleque. E, também as festas de boca de noite, que é a festa de uma noite, no dia seguinte os moradores vão embora. Olha, a nossa é assim: o ano todo temos as datas das festas, festejos e os dias Santos. Tem uns dias Santos mais fortes, esses nós respeitamos, não pode trabalhar serviço de roça. São santos arditos. Já outros é mais leve. Por exemplo, dia de São Bartolomeu, esse dia é arditoso, forte. É dia de ficar quietos. Os mais velhos dizia que é dia de tirar o sentido daquilo que não é seu!

Na semana Santa tudo era guardado. Tudo era preparado antes pra poder passar a semana Santa. Ninguém fazia arte, as crianças não faziam barulho, não socava arroz, não dançava e nem cantava. Era tempo de rezar muito, porque Deus estava sofrendo por nós. Olha, se uma criança desobedecesse, os criadores deixava para corrigir no sábado da aleluia. As pessoas tinham muita consideração com Deus! Hoje tudo mudou, o povo só quer as coisas novas, só lembra de Deus depois que tá precisando. Eu fico preocupada. O modo de criação dos antigos era de outro jeito, as coisas eram difíceis, mas ninguém vivia doente igual hoje (Procópio).

A tradição Kalunga é fortemente colocada nas palavras das mulheres quilombolas que participaram da investigação. A tradição quilombola Kalunga revela a religiosidade, ancestralidade, costumes, comportamentos e atividades que legitimam este grupo social.

A tradição Kalunga pra mim é toda atividade da cultura que são os saberes e fazeres transmitidos pelos antigos e que chegou até nós através da oralidade. Tudo que sei eu apresento meus filhos e netos, penso que é uma forma de ensinar e preservar.

A tradição Kalunga tá na memória, daí a gente tem que praticar para não esquecer. Eles ficam na memória da gente e pode ser praticado a qualquer momento.

O casamento na fogueira e o batizado aprendi com meu tio Justino e meu pai Januário. Meu tio morreu com 96 anos e meu pai com 89 anos. Os saberes e fazeres Kalunga ajuda muito a gente. A tradição Kalunga chegou até nós através dos ancestrais que foi transmitindo de geração pra geração. São as atividades, o modo de viver e todos os acontecimentos da cultura local (Quita).



Por tradição, compreendemos que os elementos pertencentes a um grupo social transmitidos a partir dos conhecimentos ancestrais, que agem como princípio norteador de um grupo (Lima, 2012).

A tradição é uma relação do ser humano com os símbolos presentes na cultura; em verdade a tradição existe por existir a cultura. No entanto, a cultura, assim como a tradição, não é imutável. Elas são o resultado do processo dialógico humano. Se a humanidade modifica as relações sociais, a cultura e a tradição também mudam. No entanto, não deixam de ser importante ao povo que as pratica.

A ideia de que a tradição é impermeável à mudança é um mito. As tradições evoluem ao longo do tempo, mas podem também ser alteradas ou transformadas de maneira bastante repentina. [...] É simplesmente errôneo, porém, supor que para ser tradicional, um dado conjunto de símbolos ou práticas precisa ter existido por séculos [...]. A persistência ao longo do tempo não é característica chave que define a tradição, ou seu primo mais difuso, o costume. As características distintivas da tradição são o ritual e a repetição. As tradições são sempre propriedade de grupos, comunidades ou coletividades (Giddens, 2005, p. 51).

A propriedade em que referimos é o fato de que a tradição é um patrimônio do grupo social. Assim como, os festejos, as festas religiosas, os mitos, ritos, contos que se vinculam ao território e à memória coletiva. Como observamos nas falas, existe uma preocupação com a memória coletiva, a identidade quilombola e a manutenção da cultura, enquanto parte constituinte do ser. A identidade deste grupo não se define pelo “tamanho e número de seus membros, mas pela experiência vivida e pelas versões compartilhadas de sua trajetória comum e da continuidade enquanto grupo. Trata-se, portanto, de uma referência histórica comum, construída a partir de vivências e valores” (ABA, 1994, p. 03), partilhados na vivência em coletivo.

Com relação aos festejos, são diversos, como já mencionamos no Quadro 3. Não obstante, é preciso esclarecer que cada festejo, festa ou folia desempenha sentidos diferentes na comunidade. Cada celebração tem os seus dias e sentidos, mas no que tange à relação dos indivíduos, revela um momento único, onde o pensamento coletivo e colaborativo é vivenciado na essência. A figura feminina a todo o tempo contribui para este momento, com as danças e rezas e, ao longo de todo o momento festivo, os seus conhecimentos ancestrais são utilizados.

Diante de tudo isso, uma das mulheres nos chama a atenção para a modernidade, uma vez que, diante de tantas investidas do capital e das mudanças nas relações com a



natureza, esses conhecimentos e tradições podem se perder. Refletindo sobre isso, Santos (2022), enfatiza que é preciso que os jovens se apropriem da história e memória dos mais velhos, bem como registrar, em todos os sentidos, esses conhecimentos que são construídos na oralidade.

A oralidade é um instrumento potente dos povos quilombolas que asseguraram a sobrevivência e a construção de conhecimentos acumulados pelas gerações passadas. No entanto, é preciso maior organicidade e mobilização para que estes saberes e conhecimentos penetrem a vida dos indivíduos. Para isso, a escola pode ser uma das grandes aliadas, já que estes Saberes e Fazeres, bem como os aspectos ancestrais, podem ser trabalhados em sala a partir das narrativas das mulheres negras quilombolas.

5.3.4 Os saberes e fazeres Kalunga e sua transmissão

Diversas práticas e conhecimentos da comunidade são guardadas pelas mulheres e transmitidas por elas. Ao mesmo tempo em que transmitem, essas mulheres expressam sua preocupação com as novas gerações, que parecem pouco interessadas em receber e dar continuidade a esses saberes e fazeres.

O saber Kalunga pra mim é os conhecimentos dos antigos que foi passado de geração pra geração até que chegou em nós. Foi Deus que deixou e começou.

Os mais velhos já morreram quase tudo. Agora só tem gente nova, e não sabe quase os conhecimentos antigos. Olha, eu sou a mais velha, vou fazer 90 anos, mas já estou besta, minha cabeça tá esquecendo tudo. Minha ideia não tá boa mais, senão eu explicava tudo direitinho.

Bia minha filha, peço a vocês cuidado de não deixar de aprender os conhecimentos dos mais velhos. Lembrar de Deus e praticar as coisas da cultura de nosso povo. Olha, o contato do povo aqui antigamente era só com a natureza...

Espera aí, vou te *perguntar* uma coisa: você conhece um peixe chamado perauna? Não, né? Pois é, era a peixe mais gostosa que conheci e comi, hoje não tem, ninguém vê mais. E assim tem outras coisas que muitos de vocês não conheceu. Eu, um pouco de cada coisa e tudo que aprendi foi na prática oral, não pode deixar de fazer (Procópia).

Há práticas que foram inseridas pelos diálogos com o mundo exterior e assimiladas na dinâmica da comunidade, e outras que são saberes e fazeres remanescentes dos povos negros e indígenas que deram origem ao povo Kalunga. Hoje, esses saberes já são indissociáveis, e são reconhecidos como parte da cultura Kalunga. É assim que, por exemplo, alguns festejos de santos católicos e suas rezas, se juntam a alguns conhecimentos de remédios da mata, na cura de males da comunidade.



Ser Kalunga é o nome dado ao Quilombo todo. Nas comunidades no território geral, Primeiro era aqui no município de Monte Alegre, que é o centro do Kalunga. Daí veio o reconhecimento oficial, que entrou os três municípios, porque o povo todos são parentes, é o mesmo sangue que tá espalhado. O nome veio de córrego que fica em uma reserva aqui perto e também nome de uma planta que é usada pra remédios caseiros na cura da doença chamado maleta, que a gente chama de malária, e também cura congestão quando as pessoas passam mal com comida. Daí ficou chamado Kalunga. Essas coisas que nós sabe e faz, que é a cultura mesmo Kalunga (Quita).

A forma de transmissão intergeracional tem sido a principal ferramenta de sustentação destes saberes e, também, de renovação de suas guardiãs.

Para mim os saberes e fazeres Kalunga são conhecimentos memoriais ancestrais transmitidos de geração para geração. Conhecimentos herdados dos Povos Originários com criatividade e estratégias de sobrevivência no contexto em que se vive. Os saberes Kalunga também são formas de resistência e superação dos desafios sociais, econômicos e culturais (Bia Kalunga)

Os saberes e fazeres reconhecidos como traços da cultura Kalunga são lembrados como eixo organizativo da comunidade, e são destacados por sua alta relevância quando colocados em comparação com conhecimentos que vêm de fora.

Aprender os saberes e fazeres da cultura é muito importante para que sobreviva o Território, para que o Território continue a sobreviver. Porque só o ensino e aprendizagem de fora da comunidade não é garantia para que esse Território sobreviva. Não é garantia de que a minha ancestralidade que a minha identidade tenha essa mesma resistência. Então os saberes e fazeres do Quilombo Kalunga é a base essencial da vida, do ser Kalunga (Tuya Kalunga).

Por ser uma dissertação em que tenho como principal motivação trazer as vozes das mulheres quilombolas, bem como a sua relevância nas atividades que acontecem na comunidade, a partir das narrativas, elaborei o quadro 3.



Quadro 3: Práticas socioetnoculturais e a participação das mulheres quilombolas

Nome da prática	Características
<p>Festejos: São João Batista, acontece na comunidade Kalunga Sucuri no mês de junho, município de Monte Alegre de Goiás. Romaria Nossa Senhora da Abadia no Vão de Almas município de Cavalcante de Goiás. Romaria do Vão do Moleque festa de Nossa Senhora do Livramento e São Gonçalo, município de Cavalcante.</p>	<p>São festejos tradicionais onde são construídos os ranchos de palhas para as famílias se hospedar durante os dias de festas. São conhecidos por romarias, capelas e festejos. Locais de celebração dos rituais, eventos culturais da cultura do povo Kalunga. Acontecem; rezas, impérios, folias de cipó, levantada de mastros, as oitos hora, batizados, casamentos, crismas etc.</p>
<p>Folias: Folia de Santos Reis do dia 01 a 06 de janeiro. Divino espírito Santo na primeira ou segunda semana do mês de maio.</p> <p>Folia de Santo Antônio no mês de junho. Nossa Senhora das Neves inicia final de julho e recolhida 5 de agosto. São Sebastião em julho.</p>	<p>As folias são momentos em que as divindades fazem os giros nas casas os foliões, rezam e cantam louvores em agradecida à vida, às plantações, colheitas e a toda a natureza. As visitas das folias nas casas são momentos de extrema importância, fortes e abençoado. As comunidades se mobilizam para receber as folias com pouso, com os comes e bebes e um grande forró depois dos rituais realizados.</p>
<p>Festas: As festas são realização dos eventos de letramentos e rituais da Cultura e Tradição: Temos as festas boca de noite com rezas e arremate de folias e as romarias mencionadas acima.</p>	<p>As festas são muito esperadas. Acontecem todo ano de acordo o calendário Cultural local. Cada festa tem sua data e tempo para ser realizada. São momentos de reencontros, celebrações, alegrias e muitas diversões entre as comunidades, povos, famílias, parentes e amigos.</p>
<p>Rezas; Reza do Divino Espírito Santo. São Sebastião. Menino Deus. Nossa Senhora das Candeias. São</p>	<p>As rezas são orações cantadas em ritmos de louvores e agradecimentos às divindades.</p>



<p>João Batista. Nossa Senhora Aparecida. Nossa Senhora Abadia. Nossa Senhora do Livramento e outras.</p>	
<p>Benzimentos: tirar quebrante de bebês e crianças. Benzimentos para levantar espiela caída ou vento caído. Dor de cabeça, dor de dente, picada de cobra, tirar espinha de peixe da garganta, dor de barriga de bebê e outros.</p>	<p>Os benzimentos são orações benéficas almejando o bem, cura da pessoa, bebê ou criança, ou seja, para quem esteja recebendo a oração. São orações sagradas de muita fé e esperança.</p>
<p>Previsão do tempo: Por causa da experiência de vida, os mais velhos olham para o tempo e tem uma base se o ano vai ser bom pra chover. Olham para a natureza e sentem. Olham para céu e fazem análise dos sinais do tempo. Tudo é analisado a olho nu para investimento no plantio, colheita e pesca.</p>	<p>A previsão é por meio dos conhecimentos ancestrais memoriais adquiridos na vivência pelos anciãos, mestres e mestras dos sabres e fazeres tradicionais do povo originários Kalunga.</p>
<p>Construção de casas de adobe: Casas tradicionais de palhas com adobe feito do barro puro. O adobe é uma inovação pós as casas de inchimento e taipas.</p>	<p>As casas são construídas com criatividade e cuidados para moradias da família. O adobe é feito de argila com água dentro, de forma de madeira ou de alumínio, um instrumento muito utilizado nas moradias do povo Kalunga.</p>
<p>Roça de toco: Preparação da roça braçal. Faz roçada com a foice, depois derruba as madeiras grandes com machado. Em seguida, coloca fogo e finaliza com recolhida com os restos de pequenas garranchos.</p>	<p>As roças de toco são cultivadas braçalmente, onde são plantados os alimentos sem agrotóxicos e sem degradar a natureza.</p>



<p>Artesanatos: Quibano, peneira, tapiti, jacá feitos com talas de buriti e tabocas.</p> <p>Pilão, gamela, bateia feitos da madeira rústica.</p> <p>Pote, butija, panela feitos de barro.</p> <p>Buraca, pandeiros feitos do couro de gado.</p> <p>Capangas, colchas, tapetes, bolsas feitos de tiras de panos e retalhos costurados na mão.</p>	<p>Os artesanatos são feitos para atender as necessidades e sobrevivência do povo Kalunga, feitos com muitas criatividade e sabedorias. Os moradores aprendem na vivência com práticas orais transmitidos de geração para geração.</p>
<p>Instrumentos musicais: Bandurra, caixa, buraca etc.</p>	<p>Os instrumentos musicais são feitos pelas mestras e mestres, cada um com sua função e representatividade. Nas mãos dos artistas, expressam sons que nos transmitem alegrias e diversão.</p>
<p>Danças: Sussa, bolé e capoeira</p>	<p>As danças são herdadas dos ancestrais, praticadas em momentos de celebrações, diversões, agradecimentos às divindades pela vida, plantações, colheitas e criações.</p> <p>São práticas que acontecem em coletivo e com muita interação.</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Como observamos, são diversas as práticas que constroem os povos quilombolas. São práticas que envolvem a criação de animais, técnicas de cultivo, costura e extrativismo do cerrado. Como atividades do corpo, desenvolveram danças, rituais, festejos em diversos locais no território com diversas finalidades. Segundo Khidir (2018),



diversas práticas são resquícios dos primeiros povos habitantes, e que ao longo dos processos histórico-sociais foram ressignificados. Contudo, “há práticas que foram inseridas pelos diálogos como o mundo exterior e assimiladas na dinâmica sociocultural da comunidade” (Khidir, 2018, p. 69).

No que se refere à participação das mulheres no constructo das relações sociais da comunidade, são de extrema importância. “As mulheres quilombolas são as detentoras dos saberes tradicionais, das rezas, da medicina natural e comidas típicas. Foram e são importantes na organização social, produtiva e de estratégias de resistência” (Rosalina, 2017, p. 1).

A oralidade, é um importante instrumento para as trocas de conhecimentos entre grupos subalternos. No que se refere ao povo quilombola, os conhecimentos ancestrais, as práticas religiosas em conexão com a natureza, contribuem para validar as especificidades deste grupo social, bem como para legitimar o seu espaço na sociedade classista. O saber Kalunga nasce dos antigos e a partir dos seus compartilhamentos vai se integrando à vida de cada um quilombola. As mulheres, desde pequenas estão com os familiares, desenvolvendo diversas atividades cotidianas. Essas atividades, em consonância com os contos, permitem que elas aprendam com os mais velhos.

O território cria o sujeito e o sujeito ressignifica o território. O território “[...] se constrói, ao mesmo tempo, como um sistema e um símbolo” (Bonne-Maisson, 2002, p. 116). Cada comunidade carrega consigo os seus Saberes e Fazeres. São estes que transformam o território e contribuem para modificar a vida de cada sujeito. O modo de vida e o bem viver vão se constituindo a cada dia, por meio das práticas orais e da biointeração o que, de fato, é essencial para constituir saberes e fazeres.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A primeira palavra que vem ao meu pensamento é agradecimento. Agradecimento por ser mulher, guerreira, negra, quilombola, mãe e estudante acadêmica. Ressalto a relevância e a colaboração de todas as mulheres negras quilombolas, que unidas temos buscado forças para alcançar a dignidade humana e o direito de sermos ouvidas. São sentimentos, vibrações e reflexões que surgem neste momento, ao apresentar as narrativas das mulheres negras quilombolas da comunidade Riachão e Tinguizal.

Em consonância com a contracolonialidade, o que foi dito e escrito não se resume apenas a um trabalho acadêmico para obtenção de grau, mas a uma tentativa de mostrar ao mundo como essas mulheres, a partir do seu conhecimento de mundo, trabalham por uma educação de qualidade, pela preservação da cultura, acessibilidade e o respeito às mulheres.

A pesquisa que originou essa dissertação, teve como objetivo analisar o lugar da oralidade nos processos de resiliência Kalunga. Trata-se de uma pesquisa colaborativa e participativa por meio de registro da memória histórica e social vinculada à narrativa testemunhal de mulheres negras quilombolas, mestras dos Saberes e Fazeres. Os relatos demonstraram que essas mulheres nos seus núcleos, assumiram a frente das lutas e ao contrário do que a sociedade machista e patriarcal defende, elas assumiram papéis de liderança.

O estudo tem como base a vida de quatro mulheres a partir da narrativa testemunhal. Com efeito, é preciso dizer que finalizo essa etapa com um sentimento profundo, haja vista que este é o primeiro trabalho de minha comunidade, cuja memória é o ponto principal a ser retomado. Como nos ensina Santos (2022), a memória é essencial para criar nos companheiros sentimentos de pertencimento e de respeito ao próprio grupo social. Para além disso, se conheço as narrativas, as lutas, os desafios e as conquistas, é fato que as novas gerações se sentirão parte deste movimento, que reforça o processo de luta e de manutenção dos direitos alcançados.

A percepção que tive diante os momentos de entrevista foi de revisitar a minha infância e perceber o quanto as mulheres quilombolas desempenham papéis sociais nas comunidades. Foi pensando na infância e na trajetória de vida dessas mulheres que



organizamos este trabalho, visto que os capítulos dialogam com as impressões de cada momento histórico vivido por elas.

Nesse sentido, para trazer à baila, o capítulo I, organizamos os processos de ocupação do Brasil e a sua distribuição territorial e social, no sentido de demonstrar ao leitor como essas mulheres têm os seus sagrados e como o território dialoga com a construção da sua identidade e luta. Cabe destacar, que as narrativas dialogaram fortemente com todo o referencial construído em meio ao trabalho. Nas entrevistas, percebemos o processo de construção dos quilombos, do acesso às políticas públicas e o papel essencial das mulheres.

Avançando nas demais partes, o capítulo II e III, demonstrou como a vida das mulheres foi moldando as realidades do quilombo e como a memória e a oralidade são necessárias para a transmissão do conhecimento nas comunidades quilombolas. Há que se destacar, que a investigação foi demonstrando como aconteceram as rupturas e o compromisso social dessas mulheres com a transformação do quilombo. Algumas estudaram e retornaram aos seus territórios, buscando contribuir no alcance da dignidade humana para todos e todas.

Portanto, estou ciente de que, anunciar ao mundo as suas lutas e o desejo de uma nação AFROKALUNGA, permeia a nossa realidade e que as suas lutas ultrapassam o próprio quilombo Kalunga. Dessa forma, é preciso entender que essas mulheres têm historicidade, papéis significativos e colaborativos nas suas comunidades, o que assegura a sua essência e a luta por um quilombo com possibilidade e oportunidade para todos.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABA. Associação Brasileira de Antropologia. **Instituto Socioambiental**. Rio de Janeiro, 1994. Disponível em: <https://documentacao.socioambiental.org/documentos/03D00024.pdf>. Acesso em 27/01/2021.

ALMEIDA, J. R. História oral de vida. **Revista de História Oral** / Núcleo de Estudos em História Oral [do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo]. — Ano 1, n. 1 (jan./jun. 2007).

ARAÚJO, R. S. Projeto Cartográfico – Centro de Cartografia Aplicada e Informação Geográficas da Universidade de Brasília. In: BAIOCCHI, M. N: **Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga**. Brasília: Ministério da Justiça, UNESCO 1999.

BAIOCCHI, M. N. Kalunga - a sagrada terra. **Revista da Faculdade de Direito da UFG**, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 107-120, jan./dez. 1995/96. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revfd/article/view/11941>. Acesso em 10/09/2023.

BAIOCCHI, M. N. **Kalunga: povo da terra**. 1. Ed. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, 1999.

BAIOCCHI, M. N. **Relatórios técnico-científicos para a demarcação do sítio histórico Kalunga**. Goiânia, UFT, 1990.

BONNEMAISON, J. Viagem em torno do território. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Geografia cultural: um século** (3). Rio de Janeiro: Eduerj, 2002. p. 83-132.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BRASIL. **Lei 10. 639 de 9 de Janeirojaneiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília´-DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em 10/02/2024

BRASIL. **Uma história do povo Kalunga**. Secretaria de Educação Fundamental - MEC; SEF, 2001.

CAMARGO, D. R; PELACANI, B; FARIA, R. S; MIRANDA, C; COSTA, S. L. **Psicossociologia com comunidades: abordagens senti pensantes como emergência na América Latina**,2021.

CRESWELL. J. W. **Projeto de pesquisa qualitativa, quantitativa e mista**. 2. Ed. Porto alegre: Artmed. 2007.

CRUZ, R. D. Experiencias de la Identidade. In: **Revista Internacional de Filosofia Política**, nº 2, 1993, p. 63-74.



ECHEVERRY et al. **Comparando os efeitos e impactos da eletrificação rural no desenvolvimento em duas comunidades afrodescendentes da América do Sul.** Revista Acadêmica do Suriname, Suriname, [S. l.], v. 1, pág. 680–693, 2022. Disponível em: <https://adekusjournal.uvs.edu/index.php/acjournsu/article/view/2>. Acesso em: 10 fev. 2024.

ENCONTROTECA. **Cultura tradicional:** Comunidade do Sítio Histórico Kalunga, 2023. Disponível em: <https://www.encontroteca.com.br/grupo/comunidade-do-sitio-historico-kalunga>. Acesso em 10/02/2024.

FARIA, K. Y.S. **Ser Quilombola é muito incrível “Identidades Quilombolas das crianças Kalunga:** identidades quilombolas das crianças Kalunga. 2020. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

FERNANDES, F. **A integração do negro na sociedade de classes:** o legado da raça branca. 5. ed. São Paulo: Globo, 2008.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. – São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIDDENS, A. **As Consequências da Modernidade.** São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

HAESBAERT, R. **Viver no Limite:** território e multi/transterritorialidade em tempos de in - segurança e contenção. 1 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

KHIDIR, K. S. **Práticas Socioculturais Quilombolas para o Ensino de Matemática:** mobilizações de saberes entre Comunidade e Escola. 2018. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Pará. Belém, 2018.

KI-ZERBO, J. editor. **História Geral da África I: Metodologia e Pré-história da África.** 2 ed. ver. UNESCO. Brasília, 2010

KOYANAGI, R. **Memórias de estudantes Kalunga que ingressaram no ensino superior:** Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC/UnB). 2016. Tese (Pós-graduação em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional). Universidade de Brasília- Brasília. 2016.

LIMA, L. N. M. Sítio histórico e patrimônio cultural Kalunga: a emergência da identidade étnica Kalunga pelos direitos fundiários. In: III Congresso Internacional de História da UFG/ Jataí: História e Diversidade Cultural. **Anais [...].** 25 a 27 de setembro de 2012, Jataí-UFG.



MAGALHÃES, V. B. Relatos de refugiados norcoreanos: história oral e narrativas autobiográficas. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**. Salvador, Biograph, V.1, n.1, 2016.

MALCHER, M. A. F. **Identidade quilombola e território**. 2009. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiacultural/120.pdf>. Acesso em:02/07/2023.

MONTERO, M. **Hacer para transformar: el método en Psicología Comunitaria**. Buenos Aires: Paidós, 2006.

MONTERO, M. **Psicología Social Comunitaria**. Guadalajara, México: Universidad de Guadalajara, 1994.

MORANA, M. Documentalismo y ficción: testimonio y narrativa testimonial hispanoamericana en el siglo XX. In: PIZARRO, Ana. (Org.). **América Latina: palavra, literatura e cultura**. São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1995.

NASCIMENTO, G. A. R; BATISTA, M. R. R; NASCIMENTO, M. A. B. Panorama atual de proteção do direito à terra das comunidades quilombolas e desafios futuros. **INTERAÇÕES**, Campo Grande, MS, v. 17, n. 3, p. 432-447, jul./set. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/inter/a/GsLCPTC4wYwMW7qtGcBzvLn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 14/08/2023.

OLIVEIRA, V; EUCLIDES, M. S. Passado-presente-passado em vias de construção de futuro: O que podemos apre(e)nder com Black is King?.King? **Sankofa (São Paulo)**, [S. l.], v. 16, n. 27, p. 38 - 62, 2023. DOI: 10.11606/issn.1983-6023.sank.2023.207536.

PASTI, R; JÚNIOR, G. B. O. Qual quilombo? O pensamento pós-colonial e decolonial na reelaboração simbólica dos quilombos. **Rev. Hist. UEG - Porangatu**, v.8, n.1, e-811908, jan./jun. 2019.

PELACANI, B. **As lutas que educam na América Latina: a Educação Ambiental que emerge do conflito pela água em Cachoeiras de Macacu com um olhar desde a Colômbia**. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

RESENDE. M. L. C. Minas dos Cataguases Entradas e Bandeiras nos sertões Eldorado. **Varia História**. V. 21, nº33. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vh/a/HZRfkmqtV4NbNBs6n5wBQwy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 16/09/2021.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROSALINA, M. Mulheres quilombolas: liderança e resistência para combater a invisibilidade. **ONU: Mulheres Brasil**. Disponível em: <https://www.onumulheres.org.br/noticias/mulheres-quilombolas-lideranca-e-resistencia-para-combater-a-invisibilidade>. Acesso em 10/02/2024.



SANTOS, A. B. **Quilombos, Modos e Significados**. Editora COMEPI, Teresina/PI, 2007.

SANTOS, H. R. **Práticas socioetnoculturais e o ensino de Matemática na perspectiva da etnomatemática em uma escola quilombola**: possibilidades e desafios. 2022. 179 f., il. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

_____, H. R.; FERREIRA, A. T. R. J.; MOREIRA, G. E. Território e territorialidade quilombola: uma análise socioetnocultural da produção de alimentos e das festas, folias e rezas. **História em Revista**, v. 29, n. 1, p. 114-137, 30 jan. 2024.

SCHMITT, A.; TURATTI, M. C. M.; CARVALHO, M. C. P. A Atualização do Conceito de Quilombola: Identidade e Territórios nas Definições Teóricas. **Ambiente & Sociedade**. Ano V, n. 10, 1º Semestre de 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/asoc/a/3zsW4C3r6CFYcnx8sPSDrk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em :19 jun. 2021.

SILVA, A. C. M. **Uma escrita contra-colonialista do quilombo mumbuca jalapão-to**. 2019. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável). Universidade de Brasília-Brasília, p. 107. 2019.

SOARES, E. G. Educação Escolar Quilombola: Reafirmação de uma política afirmativa. *In*: Reunião Científica Regional da ANPED. 24 a 27/09/2016. Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba/Paraná, 2016. P. 01-13. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/dissertacoes_teses/artigo_edimara_goncalves_soares.pdf. Acesso em 10/02/2024.

SOUZA, L. S. N. **Jovens Kalunga de Tinguizal**: escola, cultura e condição juvenil. (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação STRICTO SENSU em Educação. Universidade Católica de Goiás, Goiânia – GO, 2008.

TAKEITI, B. COSTA, S.L. PARDO, C.R., GUERRA, C.T; MIRANDA, C, T. Psicossociologia desde a América Latina. **Pesquisa. práticas. psicossociais**, São João del-Rei, v. 16, n. 2, p. 1-8, jun. 2021. Disponível emm < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082021000200001&lng=pt&nrm=iso >. aAcessos em 10 fev. 2024.

VELLOSO, A. D. **Mapeando Narrativas**: uma análise do processo histórico espacial da comunidade do Engenho II – Kalunga. Universidade de Brasília, UnB, 2007.



APÊNDICE A**LISTA DE PALAVRAS - LEVANTAMENTO E ESTUDOS DAS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS KALUNGA**

1. **Ancê:** modo de tratamento com mais velhos
2. **Angu:** sopa de fubá de milho
3. **Bachero:** Pedaco de pano utilizado para forrar embaixo da sela no lombo do cavalo
4. **Bassora:** vassoura
5. **Baticum** aceleração no coração
6. **Botá:** colocar
7. **Burdurna:** bengala
8. **Camarinha:** quarto
9. **Candeia/ lamparina:** vela, luz
10. **Capanga:** bolsa de usar debaixo dos braços
11. **Cumbuca:** artesanato feito de cabaça utilizado para colocar alimentos
12. **Cundiz:** como diz
13. **Cunvai:** como está?
14. **Curiar:** observar, querer saber
15. **Dicuada:** sabão caseiro
16. **Dispôs da manhã;** depois de amanhã
17. **Esperinda:** esperar
18. **Espirinda:** espera aí
19. **Garapa:** caldo-de-cana
20. **Girau:** é o mesmo que uma mesa, mas feita de madeiras
21. **Grota:** buraco
22. **Gurdura:** óleo
23. **Hunrum;** sim
24. **Imbruiá:** cobrir
25. **Izibido:** Pessoa que não tem vergonha
26. **Ladino:** esperto
27. **Lupiu:** sumir ou desaparecer.



28. **Matula:** bagagem, alimentos, comida
29. **Mormaço:** tempo nublado/tempo de chuva
30. **Muintchu:** muito
31. **Nunsei:** não sei
32. **Oca:** olha
33. **Ocê:** você
34. **Oiei:** olhei
35. **Ontonto:** dois dias anteriores
36. **Pari:** duplo sentido; mulher ganhar criança e também um objeto construído de barro e madeira para colocar milho ou arroz
37. **Passô:** termo de cumprimentar pelos mais velhos
38. **Pirão de galinha:** sopa com farinha com molho de galinha separado
39. **Pirão de peixe:** sopa com farinha com molho de peixe separado
40. **Pirigicar:** prejudicar
41. **Precata:** Sandalha
42. **Pregistir:** resistir
43. **Preguntá:** perguntar
44. **Puleiro:** Galinheiro
45. **Quieta:** ficar calmo
46. **Rancho:** casa exclusiva na roça
47. **Sabido:** pessoa sábia
48. **Socar:** duplo sentido; amassar, compactar algo e também descascar arroz no pilão
49. **Teita:** enrolar, fazer alguém de besta
50. **Telogo:** despedida, até logo.
51. **Tinguí:** Fruto de árvore utilizado para fazer
52. **Trabucar:** trabalhar
53. **Trenontando:** três dias anteriores
54. **Trepar:** subir em árvore
55. **Trocha:** bagagem que é carregada na cabeça
56. **Tucudo:** malvado/atentado
57. **Tuivá:** anoitecer



ANEXOS



ANEXO A**REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - RCLE****(AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA)****REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - RCLE**

Eu, (nome do sujeito da pesquisa, nacionalidade, idade, estado civil, profissão, endereço, documento de identidade)

estou sendo convidada a participar de um estudo denominado (A psicossociologia e Ecologia Social com a Comunidade Quilombola Kalunga Riachão Monte Alegre - GO; História, Memória, Identidade e sua realidade desde do início de sua trajetória até os dias de hoje), cujo objetivo principal é identificar a relação das mulheres mestras dos saberes e fazeres Kalunga a partir de suas histórias de vidas , memória, identidade, cultura, biointeração e a consolidação do Quilombo desde do início de sua trajetória até os dias de hoje, com as ervas, com os animais, com os encantados e com a própria comunidade. A minha participação no referido estudo será no sentido de contribuir com minha experiência e trajetória como moradora e liderança por meio de entrevistas e depoimentos abertos que serão gravados pela pesquisadora, cuja informação será transcrita e analisada exclusivamente pela equipe de pesquisa para fins acadêmicos. Estou ciente que posso levar para a entrevista quaisquer objetos, documentos, fotos, imagens, recortes, entre outros tipos, que tenham relação com a minha participação e façam sentido para mim. Este material não ficará em posse do pesquisador e sairei da entrevista com ele e uma cópia ficará para o arquivo da pesquisa. Minha participação é voluntária e minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo. Respeitando esta privacidade, autorizo que a pesquisa faça parte de outros estudos desenvolvidos pela pesquisadora, assim como apresentação em seminários, palestras, congressos. Fui alertado/a de que, da pesquisa a se realizar, posso esperar alguns benefícios, tais como o reconhecimento de relações e redes que favorecem a socialização e participação social como mestras dos sabres e fazeres e lideranças nas comunidades Kalunga Riachão e Tinguizal. Recebi, por outro lado, os esclarecimentos



necessários sobre os possíveis desconfortos e riscos decorrentes do estudo e os resultados positivos ou negativos somente serão obtidos após a sua realização. Assim, se me incomodar ou decidir omitir alguma informação sobre minha condição de rezadeira, sobre minhas relações próximas ou dinâmicas pessoais com a comunidade, eu terei a opção de que sejam omitidas. Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo. Também fui informada de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e de, por desejar sair da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo à assistência que venho recebendo. As pesquisadoras envolvidas com o referido projeto são: Lourdes Fernandes de Souza, Mestranda do programa de pós-graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social- Eicos/UFRJ e a Profª Orientadora Dra. Samira Costa Lima - Programa Eicos/UFRJ e com elas poderei manter contato pelos telefones 62996966468 e pelo email: bia_Kii@hotmail.com é assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação. Enfim, tendo sido orientada quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação. Ratifico que me foi entregue uma cópia deste Registro de Consentimento Livre e Esclarecido – RCLE e em caso de reclamação ou qualquer tipo de denúncia sobre este estudo devo ligar para o Comitê de Ética em Pesquisa (21) 3938-5167 ou mandar um email cep.cfch@gmail.com. Conforme a previsão das resoluções do Conselho Nacional de Saúde - CNS nº 466 de 2012 e nº510 de 2016, o Comitê de Ética em Pesquisa é um colegiado responsável pelo acompanhamento das ações deste projeto em relação a sua participação, a fim de proteger os direitos dos participantes desta pesquisa e prevenir eventuais riscos.

Sítio Histórico Patrimônio Cultural Kalunga, de 2022.



Nome e assinatura do sujeito da pesquisa

Nome e assinatura da pesquisadora

Contato do Comitê de Ética em Pesquisa:

Prédio da Decania do CFCH,

Av. Pasteur, 250, 3o. andar, sala 40, Urca,

Rio de Janeiro/RJ – 22290-240 Tel.: (21) 39385167

Email: cep.cfch@gmail.com

CONEP – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – Brasília/DF

Tel.: (61) 33155878 Email: conep@saude.gov.br

Contato da pesquisadora:

Sítio Histórico Patrimônio Kalunga

Município de Monte Alegre de - GO

Tel: (62)996966468. Email:bia_Kii@hotmail.com



ANEXO B
CARTA DE AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA

Nós mulheres Mestras dos Saberes, Fazeres e lideranças Kalunga nascemos e residimos no Quilombo Kalunga no município de Monte Alegre de Goiás, temos ciência e autorizamos a realização da mesma intitulada “A psicossociologia e Ecologia Social com a Comunidade Quilombola Kalunga Riachão Monte Alegre-o; História, Memória, Identidade e sua realidade desde do início de sua trajetória até os dias de hoje” sob a responsabilidade da pesquisadora Lourdes Fernandes de Souza CPF: 006266891-98 ,mestranda do curso de Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social do Programa EICOS da Universidade Federal do Rio de Janeiro ,na Comunidade Quilombola Kalunga Riachão Riachão no município de Monte Alegre de Goiás.

Sítio Histórico Patrimônio Cultural Kalunga,28 de novembro 2022

(nome completo da mestra)

(nome completo da mestra)

(nome completo da mestra)

